especial

30 anos da Liga Internacional dos Trabalhadores

Três décadas em defesa do socialismo e da construção de uma direção revolucionária internacional [págs. 17, 18, 19 e 20]

PSTU

Opinião Socialista

WWW.PSTU.ORG.BR ▸ NÚMERO 440 ▸ 3 A 16 DE ABRIL DE 2012 ▸ ANO 16

R$ 2

De 27 a 30 de abril...

Todos ao Congresso da CSP-Conlutas

Entre os dias 27 e 30 de abril, será realizado o I Congresso Nacional da CSP-Conlutas, que terá como principal tema a organização de base. Veja como está a preparação e confira os principais debates nesta edição.

[págs. 9, 10, 11 e 12]

“PACTO SOCIAL” E CRISE NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO BRASIL

[págs. 6 e 7]

A ULTRADIREITA MOSTRA A SUA CARA

[pág. 4]

LEI DA COPA É UM ATENTADO À SOBERANIA NACIONAL

[pág. 5]

RAUL SEIXAS: A MOSCA DA SOPA

[pág. 15]

FISGADO - O bispo Marcelo Crivella (PRB-RJ), novo ministro da Pesca, fez questão em mostrar que sua nomeação foi simplesmente para selar a aproximação do governo Dilma com os evangélicos. *"Eu não ponho uma minhoca no anzol"*, disse.

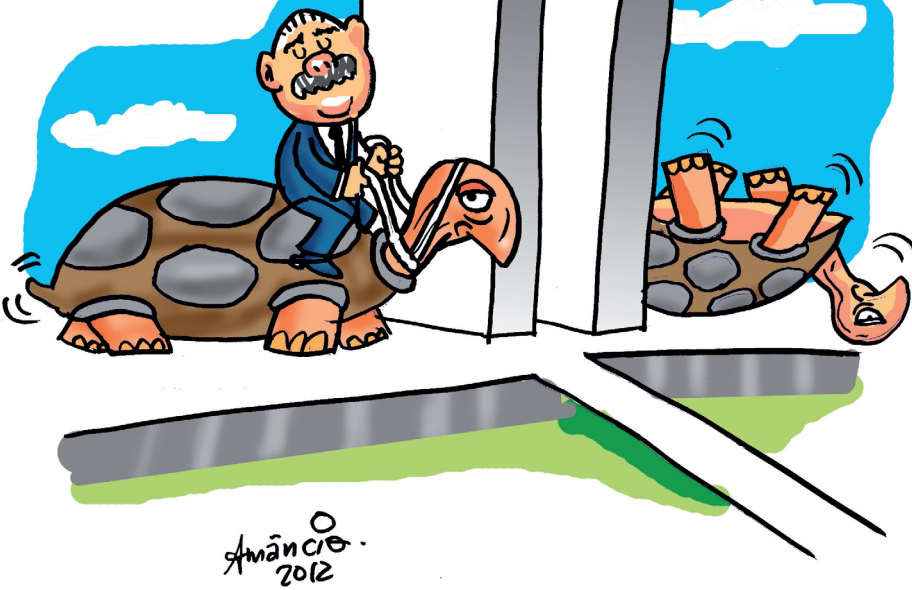
ARROCHO – O senador Cyro Miranda (PSDB-GO) está revoltado com a extinção do chamado 14° e 15° salário aos senadores. *"Tenho pena daqueles que são obrigados a viver com R$ 19 mil"*, disse.

DEMISSÃO NA AMBEV

No dia 12 de março, a empresa AmBev de Jacareí (SP) demitiu Joaquim Aristeu, o "Boca", alegando "justa causa". A justificativa foi a publicação no site da CSP-Conlutas e nas redes sociais de um artigo em seu nome, responsabilizando a empresa no acidente dentro da fábrica, que provocou a morte de um terceirizado, um jovem de 25 anos que deixou sua esposa grávida. A demissão é um ataque à organização sindical na AmBev. Mande uma moção para a AnBev em **jcfmello@ambev.com.br** e **ouvidoria@ambev.com.br**, com cópia para **secretaria@cspconlutas.org.br**

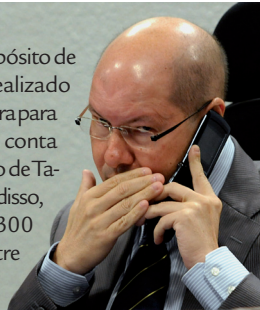
PÉROLA

"Eu faço o que eu quiser do terreno. É problema meu"

NAJI NAHAS, sobre o Pinheirinho. Na mesma entrevista, o megaespeculador elogia a 'coragem' da juíza Márcia Loureiro, que determinou a reintegração de posse. *Folha de S. Paulo, 12/03.*

CRIME ENCOMENDADO

Na madrugada do dia 24, Valdir Dias Ferreira, 40, Milton Santos Nunes da Silva, 52, e a companheira Clestina Leonor Sales Nunes, 48, membros da Coordenação Estadual do MLST (Movimento de Libertação do Sem-Terra) de MG, foram executados com tiros na cabeça na rodovia MGC-455, em Uberlândia. Segundo a direção do MLST o crime foi encomendado. Acampados na Fazenda São José dos Cravos, no município do Prata, no Triângulo Mineiro, eles eram lideranças do acampamento que luta pela posse da terra em uma disputa judicial com a usina Vale do Tijuco (com sede na cidade de Ribeirão Preto-SP). A usina entrou com pedido de reintegração de posse com o objetivo de manter a área dedicada à monocultura da cana-de-açúcar.

CACHOEIRA DE DENÚNCIAS

Mais uma vez, o DEM (antigo PFL) está no centro de um grande escândalo de corrupção. Desta vez o protagonista é o senador Demóstenes Torres, suposto defensor da ética no Congresso. O senador possui uma estreita relação com o contraventor Carlinhos Cachoeira, famoso bicheiro e operador de uma rede de jogos de azar, preso durante a Operação Monte Carmelo da Polícia Federal. Revelações divulgadas nas últimas semanas mostram que até uma geladeira e um fogão importados, ambos no valor de R$ 27 mil, foram presentes do bicheiro ao senador, além do depósito de R$ 3 mil realizado por Cachoeira para pagar uma conta de táxi aéreo de Tavares. Além disso, há quase 300 ligações entre os dois.

CORAÇÃO DAS TREVAS

O Ministério Público do Pará apresentou uma denúncia criminal contra um oficial do Exército por crimes da ditadura. O alvo da ação é o Major Curió, acusado pelo desaparecimento de militantes da Guerrilha do Araguaia. Em 2009, Curió abriu seu arquivo pessoal sobre a Guerrilha, que confirma a execução sumária de 67 guerrilheiros. Pelos serviços prestados à ditadura, em 1980, foi nomeado interventor de Serra Pelada (PA). À frente do garimpo, promoveu terror, corrupção, violência e superexploração contra garimpeiros. Fundou sua própria cidade, Curionópolis, da qual foi prefeito duas vezes, em gestões com denúncias de corrupção. Entretanto, a justiça federal do Pará rejeitou o pedido do MP.

TV PSTU lança documentário "Somos Todos Pinheirinho"

No dia 22 de janeiro, cerca de dois mil homens da Polícia Militar, fortemente armados, invadiram o Pinheirinho, a maior ocupação urbana da América Latina que há oito anos existia em São José dos Campos. A brutalidade do despejo comandado pelo governo Alckmin causou comoção em todo o país e repercutiu até fora dele. A violência policial, porém, não acabou com a luta por moradia. É o que você vai ver no documentário 'Somos todos Pinheirinho', produzido pela equipe de comunicação do PSTU.

Conheça a história da ocupação que se tornou exemplo de luta e organização para os movimentos sociais. Veja a heróica resistência que emocionou o país. Saiba o que está por trás da ação policial e veja as cenas da barbárie perpetrada contra os moradores pobres. Para adquirir o documentário, procure a sede do PSTU em sua cidade ou escreva para **pstu@pstu.org.br**.

>> R$ 5,00

OPINIÃO SOCIALISTA
publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Avenida Nove de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000
Fax: (11) 5581.5776
e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL
Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary

EDITOR
Eduardo Almeida Neto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO
Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido, Wilson H. da Silva

DIAGRAMAÇÃO
Thiago Mhz e Victor "Bud"

IMPRESSÃO
Gráfica Lance
(11) 3856-1356

ASSINATURAS
(11) 5581-5776
assinaturas@pstu.org.br
www.pstu.org.br/assinaturas

Endereços das sedes

SEDE NACIONAL

Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581.5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - *maceio@pstu.org.br* | *pstual.blogspot.com*

AMAPÁ

MACAPÁ - Rua Professor Tostes, 1282 - CEP. 68900-030. Bairro Santa Rita. Tel: (96) 3224.3499 | macapa@pstu.org.br

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823 - Centro. (92) 234.7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - R. da Ajuda, 88, sala 301 - Centro. (71) 3015.0010 *pstubahia@gmail.com* *pstubahia.blogspot.com*

CAMAÇARI - R. Emiliano Zapata, s/n - CEP 42800-910 - Nova Vitória

CEARÁ

FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710 - Benfica. (85) 3044.0056 *fortaleza@pstu.org.br*

JUAZEIRO DO NORTE - R. São Miguel, 45 - São Miguel. (88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215 - Asa Sul. (61) 3226.1016 | *brasilia@pstu.org.br* *pstubrasilia.blogspot.com*

GOIÁS

GOIÂNIA - Rua 237, nº 440, Qd-106, Lt- 28, casa 02 - Setor Leste Universitário. (62) 3541.7753 | *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496, sala 10 - Monte Castelo. (98) 8812.6280/8888.6327 *saoluis@pstu.org.br* *pstumaranhao.blogspot.com*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 - Jd. Leblon. (65) 9956.2942/9605.7340

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 - Vila Planalto. (67) 3331.3075/9998.2916 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE - Av. Paraná, 158 - 3º andar - Centro. (31) 3201.0736 *bh@pstu.org.br* | *minas.pstu.org.br*

BETIM - (31) 9986.9560

CONTAGEM - R. França, 352, sala 202 - Eldorado. (31) 2559.0724

ITAJUBÁ - Av. Engenheiro Pedro Fonseca Paiva, 188/303 - Bairro Avenida. (35) 8402.1647

JUIZ DE FORA - *juizdefora@pstu.org.br*

UBERABA - R. Tristão de Castro, 127. (34) 3312.5629 | *uberaba@pstu.org.br*

UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*

ALTOS - Duque de Caxias, 931 - Altos. (91) 3226.6825/8247.1287

SÃO BRÁZ - R. 1º de Queluz, 134 - São Braz. (91) 3276.4432

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - Av. Sérgio Guerra, 311, sala 1 - Bancários. (83) 241.2368 *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - Av. Luiz Xavier, 68, sala 608 - Centro. *curitiba@pstu.org.br*

MARINGÁ - R. José Clemente, 748 - Zona 07. (44) 9111.3259 *pstunoroeste.blogspot.com*

PERNAMBUCO

RECIFE - R. Santa Cruz, 173, 1º andar - Boa Vista. (81) 3222.2549 *pernambuco@pstu.org.br* *www.pstupe.org.br*

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 421. *teresina@pstu.org.br* *pstupiaui.blogspot.com*

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 180 - Lapa. *(21) 2232.9458* *riodejaneiro@pstu.org.br* | *rio.pstu.org.br*

MADUREIRA - Av. Ministro Edgard Romero, 584/302. Próx ao CDD Correios de Vaz Lobo.

DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro Lima e Silva, 2048, sala 404 - Centro. *d.caxias@pstu.org.br*

NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633/308 - Centro. *niteroi@pstu.org.br*

NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira de Gouveia, 1766, Fundos - Centro de Macaé. (22) 2772.3151

NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62 - Cordoeira

NOVA IGUAÇU - R. Barros Júnior, 546 - Centro

VALENÇA - *sulfluminense@pstu.org.br*

VOLTA REDONDA - R. Neme Felipe, 43, sala 202 - Aterrado. (24) 3112.0229 | *sulfluminense@pstu.org.br* | *pstusulfluminense.blogspot.com*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL - R. Vaz Gondim, 802 - Cidade Alta (ao lado do Sind. dos Comerciários). *natal@pstu.org.br* *psturn.blogspot.com*

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243 - Porto Alegre. (51) 3024.3486/3024.3409 *portoalegre@pstu.org.br* *pstugaucho.blogspot.com*

GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105 - Morada do Vale I. (51) 9864.5816

PASSO FUNDO - Av. Presidente Vargas, 432, sala 20 - Galeria Dom Guilherm. (54) 9993.7180

SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807.1722

SANTA MARIA - (55) 9922.2448

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos, 77 - Centro. (48) 3225.6831 *floripa@pstu.org.br*

CRICIÚMA - R. Imigrante Meller, 487 - Pinheirinho. (48) 3462.8829/9128.4579 *pstu_criciuma@yahoo.com.br*

SÃO PAULO

SÃO PAULO - *saopaulo@pstu.org.br*

CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento. (11) 3313.5604

ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 - São Miguel. (11) 7452.2578

ZONA SUL - R. Amaro André, 87 - Santo Amaro. (11) 6792.2293

ZONA OESTE - R. Alves Branco, 65 - Lapa de Baixo. (11) 7071.9103

BAURU - R. Antonio Alves, 6-62 - Centro. CEP 17010-170. *bauru@pstu.org.br*

CAMPINAS - R. Saudanha Marinho, 990. (19) 3201.5672 | *campinas@pstu.org.br*

GUARULHOS - R. Harry Simonsen, 134, Fundos - Centro. (11) 2382.4666 *guarulhos@pstu.org.br*

MOGI DAS CRUZES - R. Prof. Floriano de Melo, 1213 - Centro. (11) 9987.2530

PRESIDENTE PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 101, sala 5 - Jardim Caiçara. (18) 3221.2032

RIBEIRÃO PRETO - R. Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos. (16) 3637.7242 | *ribeirao@pstu.org.br*

SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Carlos Miele, 58 - Centro. (11) 4339.7186 | *saobernardo@pstu.org.br* *pstuabc.blogspot.com*

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Romeu Carnevalli, 63, Piso 1 - Jd. Bela Vista. (12) 3941.2845 | *sjc@pstu.org.br*

EMBU DAS ARTES - Av. Rotary, 2917, sobreloja - Pq. Pirajuçara. (11) 4149.5631

JACAREÍ - R. Luiz Simon, 386 - Centro. (12) 3953.6122

SUZANO - (11) 4743.1365 *suzano@pstu.org.br*

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto, 1538-b - Conjunto Orlando Dantas. (79) 3251.3530 | *aracaju@pstu.org.br*

É preciso unificar as lutas

Todos ao Congresso da CSP-Conlutas

Existem lutas importantes no país, como as greves da construção civil, a campanha salarial do funcionalismo, as mobilizações populares contra os desalojamentos promovidos pelos governos, e muitas outras. Com as consequências da crise econômica internacional, é provável que a polarização no país aumente ainda mais.

Mas os trabalhadores precisam avançar na unificação de suas lutas e encontrar uma organização que esteja ao seu lado. Cada uma das lutas tem menos possibilidades de vitórias se estiverem isoladas. E precisam superar as ilusões no governo e nas Centrais (CUT e Força Sindical) que o apóiam. O Congresso da CSP-Conlutas deve ser uma alternativa a isso tudo.

A CSP-Conlutas se firmou como a principal conquista na reorganização do movimento sindical, popular e estudantil. Estamos em um momento difícil para o movimento operário: o terceiro governo petista ainda tem grande peso entre os trabalhadores, afirmando uma proposta de colaboração de classes e um plano neoliberal. A existência e o fortalecimento da CSP-Conlutas tem uma enorme importância.

A CENTRAL DAS LUTAS

Em primeiro lugar, em função das lutas. Não é por acaso que em geral seu nome está ligado às mobilizações mais importantes do último período. A luta do Pinheirinho, que teve repercussão nacional e internacional foi dirigida pela CSP-Conlutas. As grandes marchas à Brasília, as únicas grandes mobilizações de peso nacional de oposição ao governo, também foram comandadas pela CSP-Conlutas. As direções de sindicatos e oposições ligadas à Central são, hoje, parte importante da campanha salarial do funcionalismo. As greves operárias da construção civil de Belém (PA) e Fortaleza (CE) também foram dirigidas por sindicatos filiados a CSP-Conlutas.

FUNCIONAMENTO DEMOCRÁTICO

Em segundo lugar, porque a CSP-Conlutas é uma entidade de frente única, plural, com distintas organizações de diferentes origens, que preserva a democracia operária como base para seu funcionamento. Vivemos tempos difíceis, em que as burocracias controlam ferreamente os sindicatos, e partidos impõem burocraticamente seu controle nos organismos (sindicatos, associações). A democracia operária possibilita que a base decida sobre as principais polêmicas, mantendo-se o marco da unidade.

CENTRAL QUE NÃO É SÓ SINDICAL, MAS DE TODOS OS MOVIMENTOS

Em terceiro lugar, por se tratar de uma Central que não é apenas sindical. A unidade entre o movimento sindical e popular, por um lado, possibilitou a unidade na luta do Sindicato dos Metalúrgicos de S. José e a resistência do Pinheirinho.

A unidade do movimento estudantil com o operário é outra das marcas da Central. A ANEL se firmou também como única alternativa nacional dos estudantes contra o governismo da UNE. A vitória de uma chapa composta, em unidade, pela ANEL e a esquerda da UNE, para o DCE da USP, contra a direita, mostra a força dessa alternativa.

As lutas contra as opressões machistas, racistas e homofóbicas têm um lugar importante na Central. O Movimento Mulheres em Luta vem se firmando na luta contra o machismo. O Quilombo Raça e Classe acaba de dirigir uma luta popular em São Luís (MA), além de seu peso entre os quilombos da região.

CENTRAL SOCIALISTA

Em quarto lugar, a CSP-Conlutas defende o socialismo. Em um momento em que grande parte das correntes de esquerda abandonou o socialismo, é muito importante ter a CSP-Conlutas como parte do movimento de massas no Brasil.

Não existe nenhuma alternativa nacional articulada no terreno da oposição de esquerda ao governo que se compare a CSP-Conlutas. Os dois setores das Intersindicais não conseguiram firmar um pólo real alternativo à CUT e à Força Sindical. As forças que romperam o Conclat, em 2010, não conseguiram gestar uma alternativa, e uma parte delas estará presente (Fenasps) no Congresso, como observadora. É hora então de construir uma alternativa unitária. Integre-se a essa luta. ■

A ultradireita mostra a sua cara

Fatos mostram como os setores xenófobos, racistas, machistas e homofóbicos estão avançando no país

DIEGO CRUZ, da redação

No dia 22 de março, a Polícia Federal prendeu dois homens em um hotel na capital do Paraná. Emerson Eduardo Rodrigues e Marcelo Valle Silveira Mello editavam, há anos, um blog com conteúdo declaradamente de direita, racista, homofóbico e misógino, com direito a uma série de ameaças explícitas e incitação à violência contra esses setores.

Nos dias anteriores à prisão, ameaçavam na Internet cometer um atentado contra os alunos de Ciências Sociais da Universidade de Brasília. Emerson morava em Brasília e já havia se envolvido em outros casos de agressão, incluindo aí ameaças contra uma então militante do PSTU. Mapas da universidade encontrados com os homens detidos, além de R$ 500 mil na conta de Emerson, um técnico de informática, levam a crer que a ameaça aos estudantes não se limitava ao plano das ideias.

Em uma das últimas postagens do blog antes das prisões era possível ler a seguinte mensagem: *"A cada dia que se passa fico mais ansioso, conto as balas, sonho com os gritos de vagabundas e esquerdistas chorando, implorando para viver. Vejo o sangue para tudo quanto é lado, manchando uma camiseta com o logotipo do PSOL/PSTU"*. Uma ameaça clara e endereçada.

Mensagens de apoio dos dois ativistas da ultradireita à chacina de Realengo em 2011 no Rio provocam suspeitas, inclusive, de uma possível articulação com o Wellington de Menezes, o autor do crime que comoveu o país e deixou 12 crianças mortas. Dez meninas e dois garotos.

O PSTU NA MIRA

A Polícia Federal acredita que os planos da dupla incluíam o massacre contra os estudantes da UnB e uma posterior fuga, de volta a Curitiba. Uma tragédia que por pouco não aconteceu, apesar de há muito ter sido anunciada. E o pior é que isso está longe de ser um fato isolado.

Alguns dias depois da ameaça dos neonazistas ao PSTU, o colunista da "Veja" , Reinaldo Azevedo, publicou em seu blog um texto que ataca o partido, chegando a pedir a extinção da sigla e a prisão de seus dirigentes. No post, o articulista resgata um texto publicado no Portal do PSTU, em 2009, sobre a resistência palestina aos sucessivos ataques de Israel, a fim de acusar o partido de 'racismo' contra os judeus.

O jornalista destaca a seguinte parte do texto, a fim de provar sua tese de 'racismo': *"Assim, para a pergunta 'o que fazer com o Estado colonial sionista', só há uma resposta: a sua destruição. Os atalhos apenas nos levam a um ponto mais longínquo de uma sociedade definitivamente pós-sionista, portanto, laica, democrática e não-racista"*. Azevedo acusa o PSTU de estar com *"Ahmadineja, Hamas e Hezbollah"*.

> O colunista da Veja Reinaldo Azevedo tenta legitimar o ataque neonazista ao PSTU

O colunista da Veja omite, conscientemente, outra parte do artigo que defende *"a convivência de diversos povos, independente das suas crenças e origens étnicas"*. Reinaldo Azevedo chega então a relacionar o artigo com o recente ataque terrorista na França, afirmando que o partido e Mohammed Merah, autor do atentado, "queriam a mesma coisa". A manobra é evidente: igualar o PSTU ao terrorismo e justificar as ameaças dos nazistas brasileiros ao partido.

A última frase do post do colunista deixa explícita sua intenção, ao incentivar a prisão dos dirigentes do partido: *"o autor e a direção do partido ainda estão soltos. Por quê?"*. Momentos depois, começaram a chegar mensagens de ameaça ao Portal do PSTU.

CALÚNIAS

A acusação de 'racismo' e de 'judeufobia' é um ataque recorrente de setores sionistas contra os que se colocam contra a política genocida de Israel e seu apartheid em relação aos palestinos. É um artifício utilizado pelo Estado israelense como uma espécie de salvo-conduto para legitimar suas atrocidades. Para isso, igualam sionismo com judaísmo. A primeira, porém, é uma ideologia nacionalista e de direita sobre a qual se baseou a formação do Estado de Israel, e nada tem a ver com religião.

Reinaldo Azevedo, porém, não é bobo. Sabe muito bem a diferença entre os dois e é consciente disso quando resgata um texto publicado há mais de três anos para atacar o partido. Justifica a ação desse grupo e o utiliza para atacar o partido. Os dois neonazistas querem ver sangue em cima da camiseta do PSTU. O jornalista da "Veja", por sua vez, quer ver o partido na clandestinidade e a sua direção na cadeia,

Veja — Blog Reinaldo Azevedo — 26/03/2012 às 7:47 — Racismo - Site do PSTU prega a destruição do Estado de Israel em benefício da humanidade e diz que judeus colaboraram com o nazismo. Tem de ser posto na ilegalidade já!

ACIMA: artigo em que Reinaldo Azevedo defende a prisão dos militantes e a ilegalidade do PSTU. **ABAIXO:** neonazistas que mantinham um blog e juraram atacar o PSTU e a ciências sociais na UNB

A ULTRADIREITA SE ALVOROÇA

Os ataques e demonstrações mais recentes da ultradireita não são um raio em céu azul. A atuação dos grupos organizados neonazistas ocorre em meio a um ambiente político formado por ações de Estado com o claro caráter de higienização social, tal como o avanço de setores reacionários. A burguesia no país, hoje, não está empenhada em ações terroristas por fora da legalidade. Mas abre brecha para a ação de grupos que estão.

Assim, políticas como a do estado de São Paulo e da prefeitura da capital, que culminaram no bárbaro despejo do Pinheirinho e na repressão à região conhecida como 'Cracolândia', ou a atuação da bancada evangélica e sua cruzada contra o aborto e os direitos dos homossexuais, mulheres e negros, acabam servindo como combustível a esses grupos.

A ultradireita acaba se tornando a expressão extrema e por fora da legalidade desse tipo de pensamento conservador. Ela, então, mostra a sua cara e planeja ações cada vez mais ousadas. O que fazer frente a isso? A eleição para o DCE da USP e as mobilizações contra a Ditadura Militar ajudam a indicar o caminho.

Na maior universidade pública do país, as principais correntes de esquerda se uniram para derrotar uma chapa da direita, que concorreu com o sugestivo nome de 'Reação'. A chapa se formou após a violenta desocupação da reitoria da USP pela PM e defendia a permanência da polícia no campus, contando inclusive com apoio aberto de Reinaldo Azevedo. Sofreram uma derrota acachapante em uma eleição com quórum recorde de 13 mil votos.

Já no aniversário de 48 anos do Golpe Militar ativistas realizaram uma série de manifestações sem precedentes exigindo apuração dos crimes cometidos pelo Estado nesse período e a punição aos assassinos e torturadores. No mais significativo deles, a mobilização ocorreu em frente ao Clube Militar, cujos sócios haviam marcado um ato de comemoração da ditadura.

Nas ruas e no movimento, os ativistas deram um recado claro e mostraram como combater o avanço da ultradireita: 'Não passarão'. ■

Lei da Copa: sob medida para as multinacionais

Lei Geral da Copa aprovada pela Câmara dos Deputados instaura Estado de Exceção para os lucros das multinacionais

CARTAZES na Câmara ironizam secretário-geral da Fifa, que sugeriu um pontapé no traseiro do Brasil.

Da redação

Foi só o Governo Federal liberar alguns milhões em emendas parlamentares que, finalmente, foi aprovada, na Câmara, a Lei Geral da Copa (PL 2.330/2011), na noite desse 28 de março. A lei, que estabelece o arcabouço legal para a realização dos jogos em 2014, estava emperrada por conta da tal crise da base aliada, que, ao final, se mostrou mera jogada para liberação de parte das emendas retida pelo ajuste fiscal no início do ano.

ATAQUE À SOBERANIA

Na cobertura sobre a lei, a imprensa se dedicou quase que exclusivamente à polêmica sobre a venda de bebida alcoólica nos estádios. Ela é atualmente proibida pelo Estatuto do Torcedor, mas faz partes das exigências da Fifa para a realização dos jogos, já que a cerveja Budweiser é patrocinadora da federação. Antes mesmo da tramitação da lei no Congresso, o governo já havia se comprometido a resolver a questão, passando por cima da legislação para atender os interesses da Fifa.

A polêmica sobre o álcool, que envolveu setores evangélicos, terminou com os deputados 'lavando as mãos' e jogando a questão para os estados. Os parlamentares, porém, suspenderam a proibição explícita do consumo de bebidas presente hoje na lei. Na prática, a Fifa vai ter que negociar a medida com os 12 estados-sedes e, se o governo não editar uma Medida Provisória sobre o tema antes, os governadores vão evidentemente aceitar a imposição.

Mas esse é apenas um dos muitos atropelos à soberania contidos na Lei da Copa. No geral, a lei aprovada pela Câmara estabelece todas as facilidades, isenções e proteção aos negócios da Fifa. Para se ter uma ideia, o INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial) vai adotar um regime especial apenas para o licenciamento das marcas requeridas pela Federação e a sua proteção. Tudo isento de imposto, claro.

Um dos pontos mais controversos da lei é a que estabelece a exclusividade comercial aos patrocinadores da Fifa nas imediações dos estádios, num raio de 2 quilômetros. Ou seja, nessa área não poderá ser comercializado, e nem vai poder haver publicidade de nenhum tipo de produto que não seja autorizado pela Federação. Fica proibida até *"publicidade ostensiva em veículos automotores, estacionados ou circulando pelos Locais Oficiais de Competição, em suas principais vias de acesso"*.

Isso significa que nas imediações dos estádios e nas principais vias de acesso, lojas poderão ser fechadas, outdoors retirados e até mesmo carros com propaganda de algum produto de uma empresa que não seja patrocinadora da Copa, impedido de circular. Dá para imaginar a repressão que vai se abater contra o comércio informal e os camelôs, que já sofrem, em dias normais, uma perseguição brutal.

A lei estabelece ainda penas específicas para a violação de algum ponto contido na lei, com penas de prisão ou multa.

UMA COPA PARA OS RICOS

Reforçando a noção de que a Copa do Mundo é um evento quase exclusivo aos ricos, a lei estabelece que apenas 10% dos ingressos de jogos da seleção brasileira sejam os da categoria de menor preço (categoria 4, sendo que a mais cara é a categoria 1), no limite de 300 mil ingressos.

Estimam-se que o valor dos ingressos da categoria 4 seja por volta de R$ 50. Já os estudantes e idosos vão ter que se contentar com o desconto de 50% apenas para esses ingressos 'para pobres', que serão sorteados. Os demais ingressos não serão vendidos com desconto.

Nos estádios, fica vedado ainda o uso de bandeiras 'para fins que não o da manifestação festiva e amigável'. Manifestação de ordem política, por exemplo, contra as remoções provocadas pelas obras da Copa, com certeza não será vista de forma 'amigável' pela Fifa.

Por falar em remoções, segundo a Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa os lares de 170 mil pessoas estão ameaçados de remoção por causa das obras da Copa e das Olimpíadas. Aliado ao processo de especulação imobiliária dos últimos anos, isso agrava ainda mais o déficit habitacional no país. Como se isso não bastasse, a lei geral segue agora ao Senado onde dois Projetos de Leis ameaçam, entre outras coisas, o direito de greve durante a Copa e estabelecem o crime de 'terrorismo'.

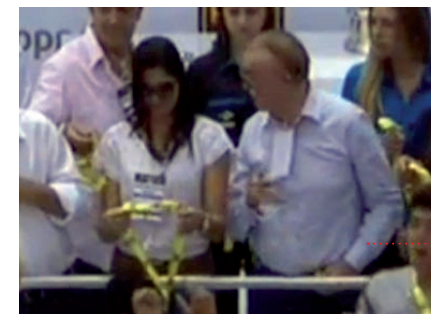
Enquanto isso, a Fifa e as multinacionais por trás da entidade têm todas as garantias de lucros, nem que para isso se tenha que decretar um Estado de Exceção temporário no país. ■

Ricardo Teixeira cai, mas CBF continua a mesma

Após vinte e três anos, e quatro mandatos consecutivos, comandando a CBF com mãos de ferro, finalmente, Ricardo Teixeira jogou o pano no dia 12 de março. O cartola se afastou da presidência da Confederação após uma sucessão de denúncias de corrupção, a última envolvendo Teixeira e uma empresa de marketing, investigada por superfaturamento em um amistoso entre Brasil e Portugal, em 2008.

Se as denúncias envolvendo o então ditador do futebol brasileiro não se tratam de uma novidade, o que fez a diferença foi o amplo movimento pelo 'Fora Teixeira' em todo o país.

A campanha, que unificou todas as torcidas, tomou conta da Internet e contou com atos públicos e manifestações nos estádios. Ao final, o 'Fora Teixeira' acabou com o sonho do cartola conquistar a direção da Fifa.

Infelizmente, embora seja uma vitória, a queda de Teixeira pouco muda na estrutura do futebol brasileiro. Em seu lugar assume José Maria Marin, ex-governador da época da ditadura e conhecido por roubar uma medalha durante a premiação da Copa São Paulo de Futebol Júnior, um furto patético filmado e exibido na TV.

A CBF tenta se equilibrar numa contradição que atinge o futebol brasileiro. Nas décadas de 1980 e 1990, o esporte sofreu um profundo processo de mercantilização. Poderosas multinacionais passaram a dar as cartas e criaram uma verdadeira 'indústria da bola'. Estima-se que, hoje, o futebol movimente US$ 250 bilhões de dólares por ano. Junto a isso, os clubes passaram a ser vistos como verdadeiras empresas, com a necessidade de uma 'gestão eficiente', com o objetivo de lucrar.

No futebol brasileiro, a CBF se adapta aos novos tempos, mas mantendo a velha estrutura arcaica e corrupta, em que velhos cartolas têm poder quase absoluto e mantém relações espúrias com representantes do governo e de grandes empresas.

"Pacto social" e crise na Indústria

NAZARENO GODEIRO, do Ilaese - Instituto Latino-Americano de Estudos Sócio-econômicos

No início de abril, o debate econômico no país vai girar em torno da crise da Indústria de Transformação e o *"Acordo Nacional em Defesa da Produção e do Emprego"*, que reúne as principais organizações empresariais e centrais sindicais do país. *"Estamos iniciando uma verdadeira cruzada em defesa da indústria brasileira e do emprego. O processo de desindustrialização vem avançando de forma galopante. Por isso, não nos resta alternativa, senão irmos para as ruas em uma aliança inédita entre capital e trabalho"*, afirma um manifesto da ABIMAQ (Associação Brasileira de Máquinas).

Uma unidade de setores sociais por causas tão nobres como são a defesa da indústria brasileira e do emprego, deveria contar com o apoio de todos. Porém, quais os interesses que estão por trás destas belas palavras?

Analisando os verdadeiros motivos desta "união", podemos ver uma armadilha para enganar a classe trabalhadora.

DESACELERAÇÃO DA ECONOMIA

Em 2011, a economia brasileira desacelerou. De um crescimento de 7,5% do PIB, em 2010, caiu para 2,7%, em 2011. Pior ainda, a indústria de transformação saiu de um crescimento de 10,5%, em 2010, e patinou em torno de zero no ano passado.

Essa desaceleração da economia é parte da crise internacional que está estagnada, com possibilidade de ir a uma nova recessão.

BURGUESIA BRASILEIRA É ESPECULADORA

O Brasil é dominado por um oligopólio de poucos bancos que foram favorecidos pela hiperinflação na década de 1980. E, hoje, ganham com os juros mais altos do mundo.

Esta estrutura econômica serve para enriquecer banqueiros, atrair o capital internacional, para mover a roda da economia.

A Dívida Pública alcança quase R$ 3 trilhões de reais. O pagamento dos juros da dívida absorve, todo ano, cerca de 20% do PIB.

A burguesia ganha mais dinheiro vivendo de rendas que da produção. Porém, há um setor industrial que é muito rentável e está ganhando rios de dinheiro.

RETORNANDO A UMA ECONOMIA DE CUNHO COLONIAL

Na nova reconfiguração neoliberal do mundo, que vem desde 1990, o Brasil tem uma nova localização: produção de matérias primas para o mercado mundial, e produção de bens duráveis (para exportação para a América Latina e seu próprio mercado interno).

Apenas seis grupos de produtos – minério de ferro, petróleo, soja, carne, açúcar e café - representaram 47% do valor exportado em 2011.

Enquanto isso, a indústria de transformação tem que enfrentar a concorrência chinesa, patrocinada pelas multinacionais que transformaram a China em "fábrica do mundo". A mesma "mão invisível do mercado" que moldou a China "moderna" está transformando o Brasil em "celeiro do mundo". Há uma queda relativa da indústria de transformação no PIB brasileiro, que, em 1986, representava 27% do PIB e caiu para 15% em 2010.

TAXAS DE LUCRO SÃO MAIORES NO SETOR PRIMÁRIO EXPORTADOR

Não são desprezíveis as vendas das 500 maiores empresas brasileiras em 2011: R$ 2,4 trilhões em faturamento e lucro líquido de R$ 200 bilhões. Porém, o crescimento fantástico dos lucros se concentrou em mineração, energia, bancos e agronegócio: o lucro da Vale foi de R$ 37 bilhões, o da Petrobras de R$ 33 bilhões. O lucro dos cinco maiores bancos no Brasil foi de R$ 46 bilhões. Já do Agronegócio (em 2010) foi de R$ 10 bilhões. Só pra comparar, as grandes montadoras no Brasil têm lucros em torno de R$ 1 bilhão. A margem de lucro da Vale em 2010 foi de 44%, enquanto que a Fiat, que é a montadora mais rentável, teve margem de lucro de 5% em 2010.

Este é o verdadeiro motivo que está revoltando os setores da indústria de transformação: o setor primário exportador e os bancos estão carregando o grosso do lucro. Porém, como não conseguem se equiparar aos ganhos com a mineração e o agronegócio querem "compensações" do governo.

Ainda assim, as margens de lucro da indústria de transformação no Brasil são muito superiores às conseguidas nos EUA, devido aos baixos salários e altos preços de monopólio que são cobrados no Brasil.

Um mesmo carro (Toyota Corolla) é vendido no Brasil por U$ 37 mil, na Argentina custa por U$ 21, mil e nos EUA US$ 15,4 mil.

>> Resultado do "pacto social"

Ano	Produção (unidades)	Trabalhadores	Veículo/ trabalhador	Faturamento líquido (US$)	Faturamento/ trabalhador (US$)
1980	1.048.692	133.683	7,8	28.438.000.000	212.727,12
1990	847.838	117.396	7,2	23.787.000.000	202.621,90
2000	1.596.882	89.134	17,9	43.503.000.000	488.062,92
2010	3.408.633	119.392	28,5	83.586.000.000	700.097,16
Crescimento	225%	-11%	265%	194%	229%

Fonte: Anuário Estatístico da ANFAVEA 2011

ONDE ESTÁ A "INDÚSTRIA NACIONAL"?

Este setor da indústria de transformação que está em mobilização para pressionar o governo é basicamente multinacional. Não existem montadoras de capital nacional, tampouco autopeças. A única fabricante de ônibus de capital nacional (Busscar, de Joinville) entrou em concordata no ano passado.

O agronegócio e a mineração estão dominados pelas multinacionais e fundos de investimento (que são donos da maior parte das ações da Vale). O setor eletroeletrônico é totalmente estrangeiro e o siderúrgico tem poucas empresas de capital nacional (como a CSN). O setor aeronáutico é composto basicamente pela Embraer, onde mais da metade das ações são de fundos de investimentos americanos.

J.P. Morgan, UBS, Merril Lynch, Deustsch Bank, Credit Suisse, Goldman Sachs, Morgan Stanley, Mitsubishi Bank, Societé Generale, Bank of America, Lloyds, Allianz, Blackrock, Citibank, etc. são os donos de mais da metade do Brasil.

A privatização do parque industrial brasileiro, levado a cabo por Collor e FHC, se deu de forma simultânea com sua desnacionalização. A burguesia brasileira se rendeu ao capital internacional e transita entre sócia menor e gerente dos negócios multinacionais no Brasil.

CHORANDO DE BARRIGA CHEIA

Apesar de ter uma rentabilidade menor que o setor de bens primários, a Indústria de Transformação continua vendendo e lucrando bem.

O setor de autopeças faturou R$ 99 bilhões, em 2011, num crescimento de 9% nas vendas; enquanto o PIB cresceu apenas 2,7%. O mesmo se passou com o setor eletroeletrônico, que teve um crescimento de 8,4% (2011) e prevê crescimento de 13%, em 2012. O setor de Máquinas e Equipamentos, um dos mais "sofridos", segundo a patronal, teve crescimento nas vendas de 9%, em 2011. Porém, a cada dia, de forma inexorável, elas estão se tornando fábricas montadoras, com boa parte das peças importadas.

PROBLEMAS À VISTA

Hoje, o grande problema da indústria é que tem um excesso de capacidade produtiva. A indústria siderúrgica mundial há um excedente produtivo de 500 milhões de toneladas de aço, que não encontram compradores. No Brasil, o excesso na capacidade produtiva é de 20 milhões de toneladas.

O mesmo se passa com a indústria automobilística: o mundo hoje tem capacidade de produzir cerca de 90 milhões de veículos e produziu em 2011, já com a recuperação, 80 milhões de veículos.

É essa sobra produtiva, que ocorre

de Transformação do Brasil

principalmente nos países ricos, que está provocando o aumento das importações no Brasil.

Soma-se a isso a manobra de desvalorização das moedas dos países imperialistas, como o dólar, tornando as mercadorias produzidas nos EUA ou na Europa mais baratas em relação ao Real. É o fenômeno que a Dilma se refere como "tsunami monetário".

No total de produtos manufaturados na indústria brasileira, o prejuízo com importações foi de US$ 92,4 bilhões.

Este dinheiro perdido com importação de produtos industriais representa 23% de todos os investimentos feitos no país. Este dinheiro, se usado aqui, permitiria um salto no PIB e a criação de 500 mil empregos por ano na indústria.

LIMITES DA POLÍTICA INDUSTRIAL DO GOVERNO PETISTA

O governo federal realiza uma "política industrial" que se resume em transferir dinheiro público para os empresários. A grande medida que o governo lançará nos próximos dias, a desoneração da folha de pagamento, reduzirá impostos para a patronal e gerará um rombo na Previdência, já que a patronal deixará de contribuir com 20% da folha de pagamento para o INSS.

Para desonerar a indústria "nacional", o governo entregou R$ 137,2 bilhões em benefícios e isenções fiscais em 2011, segundo o IPEA.

A desoneração da folha de pagamentos e outras isenções fiscais, em 2012, vai gerar uma perda de R$ 34,7 bilhões em arrecadação, segundo a Receita Federal. Isso é o dobro dos lucros de toda a indústria automobilística, incluindo autopeças, instalada no Brasil. Novamente, os ricos ganharão e os trabalhadores pagarão a conta.

ACORDO PRA QUEM?

Este grande "Acordo Nacional em defesa da produção e do emprego", que reúne setores da CUT, Força Sindical e as grandes organizações patronais do Brasil, repete o acordo de 1993, conhecido como as "Câmaras Setoriais", que flexibilizou parte das leis trabalhistas do país.

Em 1980, 133 mil metalúrgicos produziam 1 milhão de veículos por ano. Trinta anos depois, em 2010, 120 mil metalúrgicos produziram três milhões de veículos! Cada trabalhador passou da produção de 7 veículos por ano (em 1980), para produzir 28 veículos, em 2010. Um salto espetacular de produtividade!

Além disso, estas montadoras contaram com o apoio dos governos que tiveram inúmeros benefícios fiscais e crédito fácil do BNDES. Por outro lado, as multinacionais retribuíram com diminuição do emprego no Brasil e remessa de lucros para suas matrizes.

>> Investimentos e remessas de lucro do setor automobilístico 2001/2010 (em milhões)

Ano	Investimentos montadoras	Desembolsos BNDES	Remessas de lucros
2001	1.750	1.129	415
2002	976	878	917
2003	673	2.654	436
2004	739	2.575	274
2005	1.050	2.022	498
2006	1.451	2.386	1.340
2007	1.965	1.604	2.700
2008	2.913	2.492	5.600
2009	2.518	3.166	3.800
2010	3.654	3.284	4.100
Total	17.689	22.190	20.080

Fonte: BNDES (Anuário Estatístico do MDIC 2010), Banco Central e Anuário da Indústria Automobilística Brasileira - 2011 – ANFAVEA; Elaboração: ILAESE

A saída para a crise da Indústria de Transformação

As propostas da patronal, em acordo com o governo, são basicamente duas: diminuir o custo da mão de obra (aumentando a exploração dos trabalhadores) e diminuição dos impostos. Nenhuma das duas medidas resolve a crise da indústria brasileira e sua desnacionalização.

Os trabalhadores devem apresentar propostas de fundo, que ataquem a raiz dos problemas e defendam seus direitos.

A primeira medida é a **Suspensão do Pagamento da Dívida Interna e Externa do Brasil**. Com esta simples medida, pode-se realocar 20% do PIB, que hoje vai para os banqueiros, em investimentos. Isto permitiria duplicar os investimentos em capital fixo no Brasil, para garantir crescimento anual acima dos 10%.

Estatização do Sistema Financeiro. Única garantia de que o dinheiro do país servirá aos interesses do povo.

A confiscação do capital estrangeiro especulativo, que está parasitando a economia brasileira, e controle rigoroso da entrada de capitais estrangeiros.

Cobrança de um imposto progressivo sobre os lucros das multinacionais instaladas no Brasil. Proibição da remessa de lucros e obrigação de reinvestir 100% dos lucros no país, por 10 anos. Caso as multinacionais recusem estas medidas, elas devem ser submetidas à nacionalização e à estatização.

A reestatização das empresas privatizadas (mineração, siderurgia, eletricidade, telefonia, aviação, águas) recompondo uma indústria de base brasileira.

Forte taxação sobre as importações de produtos que são fabricados no Brasil. Devemos realizar a importação somente de insumos e produtos inexistentes no Brasil, exigindo a transferência de tecnologia.

Realizar um acordo com a indústria de países coloniais e semicoloniais para o desenvolvimento de uma indústria independente das multinacionais, cujo objetivo seria melhorar as condições de vida e trabalho da população trabalhadora dos países pobres.

Criação de um pólo industrial estatal articulado entre mineração, siderurgia, metalurgia, máquinas, telefonia, energia, infraestrutura, construção pesada e agronegócio, para ordenar a economia do país na construção de casas, escolas, hospitais, saneamento, transportes públicos metroferroviários e alimentação para a população trabalhadora.

A nacionalização das multinacionais e a reestatização das empresas privatizadas e um amplo plano de desenvolvimento industrial do país só é possível com a **ruptura com o sistema imperialista e capitalista**, que domina a economia do nosso país, através das grandes empresas multinacionais.

Vitória do movimento estudantil na USP!

Unidade histórica da esquerda esmaga o PSDB na USP

DÉBORA MANZANO, da Secretaria Nacional de Juventude do PSTU

Entre os dias 27 e 29 de março, ocorreram as eleições para o Diretório Central dos Estudantes da USP. Com a participação histórica de 13.134 votantes, o resultado foi claro: o DCE é dos estudantes e deve seguir na luta contra a ditadura da reitoria e do PSDB na universidade!

ATAQUES DA REITORIA E AS RESPOSTAS DO MOVIMENTO

Desde que assumiu o posto de Reitor, em 2010, João Grandino Rodas mostrou a que veio. Determinado em seu plano de privatização da USP, incentivou a abertura de cursos pagos, tentou fechar vagas e cursos de baixo interesse mercadológico, investiu em prédios e projetos voltados para empresas privadas, enquanto em nada avançou na solução dos problemas da universidade (contratação de professores, construção e reforma de prédios didáticos e restaurantes universitários, abertura de vagas na moradia estudantil e creches universitárias, entre outros).

Rodas iniciou uma verdadeira guerra contra o movimento de resistência na universidade. Abriu processos contra o sindicato dos trabalhadores, ameaçando seus diretores de demissão, investiu contra o Núcleo de Consciência Negra, que existe desde 1983, reprimiu fortemente o movimento estudantil, que já conta com 6 estudantes expulsos, além de mandar prender mais de 80 ativistas e ameaçar processar professores que se declararam publicamente contra a reitoria.

Mas o movimento não aguentou calado e promoveu, no ano passado, assembleias massivas, atos e uma greve que envolveu milhares de estudantes. O ano teve início com um forte clima de mobilização. As eleições do DCE são parte dessa luta.

MOVIMENTO ESTUDANTIL que lutou contra reitoria e PM no ano passado está agora à frente do DCE.

É COM UNIDADE QUE SE CONSTRÓI A LUTA

Neste cenário, o PSDB construiu sua própria chapa para disputar a direção do DCE. Com um falso discurso apartidário, a chapa Reação contou com o apoio do reitor, do governo e da grande mídia, incluído o conservador colunista Reinaldo Azevedo, da revista "Veja". Seu programa se baseava na oposição à mobilização estudantil e na defesa da política de privatização e militarização da universidade. Através dessa chapa, Rodas procurou impor uma derrota histórica à esquerda na universidade.

Enquanto isso, PT e PCdoB construiram a chapa *Quem vem com tudo não cansa*. Centraram sua campanha despolitizada em críticas ao movimento e ficaram em último lugar.

Em uma resposta inédita, os militantes do PSTU e do PSOL na USP se unificaram na chapa *Não vou me adaptar!* Com um programa de oposição à reitoria e sua chapa, centenas de ativistas construíram uma campanha histórica, que obteve uma vitória categórica: foram 6.964 votos, 53% do quórum eleitoral, numa clara demonstração da disposição de luta na USP. A chapa do PSDB ficou em segundo lugar, com 2.660 votos.

Sem dúvida, a unidade dos setores de esquerda foi determinante para essa vitória. Com uma forte campanha, deixamos claro que o movimento tem força para apresentar seu projeto para a USP e que o DCE é um instrumento dos estudantes, que deve ser independente do governo e da reitoria e lutar pela democracia na universidade.

OS QUE INSISTEM EM DIVIDIR O MOVIMENTO

Concorreram às eleições outras chapas de esquerda. A chapa *27 de outubro*, composta por militantes da LER-QI e PCO, defendeu uma política ultra esquerdista e afastada da base. O resultado foi que amargaram 503 votos, alcançando o quarto lugar da disputa.

Já a chapa *Universidade em movimento*, composta pelos partidários da Consulta Popular e da APS, centrou-se na crítica aos métodos do movimento estudantil. Seus principais inimigos não foram Rodas, o PSDB ou a Reação, mas os problemas do movimento e a chapa *Não vou me adaptar!*. Ficaram em terceiro lugar, com 2.579 votos. Os ativistas dessa chapa certamente ajudariam mais ao movimento se estivessem conosco, em uma chapa unitária.

DESAFIOS

O movimento estudantil da USP sai mais fortalecido dessas eleições. A derrota do PSDB no DCE é uma clara demonstração de que 2012 será um ano de lutas e contará com um DCE mais forte e presente, com peso para organizar milhares de estudantes na defesa de uma universidade pública e democrática.

Os desafios não são poucos. Rodas acaba de nomear um coronel da PM para chefiar a segurança da universidade, provando que não cederá na ofensiva de militarização e autoritarismo na USP. Contudo, agora o movimento está mais forte.

Resultado

Total de votos - 13.134

1º Não vou me adaptar!
6.964 *(53%)*

2º Reação
2.660 *(20%)*

3º Universidade em Movimento
2.579 *(19%)*

4º 27 de outubro
503 *(4%)*

5º Quem vem com tudo não cansa
254 *(2%)*

Para as empresas, desoneração.

Para os trabalhadores, só exploração...

HERBERT CLAROS E MARIANA CAETANO, de São José dos Campos

No último dia 22, a presidente Dilma se reuniu com 28 empresários e banqueiros e acenou com o anúncio de medidas de estímulo à indústria. Uma das promessas do governo é expandir a desoneração da folha de pagamento para setores como aeronáutica e autopeças.

Está prevista a substituição da contribuição das empresas de 20% para a Previdência Social por uma alíquota única, vinculada à receita bruta da empresa. Por um lado o governo reclama do rombo da Previdência, mas por outro, isenta empresários da alíquota do INSS.

A Embraer foi uma das empresas presentes na reunião e já vem sendo beneficiada com as ajudas do governo. A choradeira dos empresários, dizendo que a carga tributária impede o crescimento da indústria e a geração de empregos, é rapidamente escutada pelo governo. Porém, quando os clamores são dos trabalhadores, a história é bem diferente.

Os trabalhadores da Embraer se mobilizam há anos exigindo uma resposta as suas reivindicações, e até agora nada. O Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos (CSP-Conlutas) pediu uma audiência com a presidente, em 2011, e foi recebido pelo então ministro do Trabalho Carlos Lupi, mas nada foi feito.

A Embraer possui a maior jornada de trabalho entre as empresas do setor aeronáutico no mundo. Na Airbus, por exemplo, a jornada é de 35 horas. Na Boeing-MacDonnel e na Bombardier, são 40 horas semanais. Os trabalhadores da Embraer há anos reclamam da jornada de trabalho de 43 horas semanais e que o número de lesionados cresce a cada dia com o aumento do ritmo de trabalho.

Segundo um estudo do Ilaese, se a Embraer reduzisse a jornada para 40 horas semanais, seriam abertos pelo menos 1.652 novos postos de trabalho.

Se Dilma, ao invés de só atender aos apelos dos empresários, reduzisse a jornada de trabalho para 36 horas semanais, sem redução de salário, permitiria a criação de empregos e ajudaria a minimizar as doenças ocupacionais dentro das fábricas.

Essas medidas de desoneração servem apenas aos interesses dos empresários. Qualquer política que pretenda fomentar a economia nacional deve, necessariamente, beneficiar a classe trabalhadora, a verdadeira geradora de riqueza do país. ■

CSP-Conlutas já é parte da tradição do movimento sindical e popular

O I Congresso da CSP-Conlutas vai ser a síntese de quase oito anos de uma nova experiência de organização da classe.

Da Redação

Onze de dezembro de 2003. No primeiro ano do mandato do primeiro operário eleito presidente no país, a reforma da Previdência contra os servidores públicos é finalmente aprovada em segundo turno no Senado, apesar dos contundentes protestos da categoria. Uma vez no governo, Lula fazia o que sempre criticava, como ajuste fiscal e acordo com o FMI. E pior, com a ajuda da Central Única dos Trabalhadores, a CUT.

A CUT, construída no calor do ascenso operário do final da década de 1970 e início dos 1980, deixava de ser um instrumento de luta e organização da classe trabalhadora para se tornar mera correia de transmissão do governo no movimento de massas. A nomeação do ex-presidente da entidade, Luiz Marinho, para o Ministério do Trabalho, em 2005, deixou ainda mais clara essa relação. A posse do governo do PT marcava assim o início de um processo de uma nova reorganização no movimento sindical do país.

Sindicatos e ativistas combativos começavam a olhar com ceticismo a CUT e iniciava-se um movimento de dispersão. Frente a esse processo objetivo, tornava-se necessário impedir a desagregação dessas forças e preparar os trabalhadores para novas batalhas. As reformas Sindical e Trabalhista estavam na pauta do governo e eram exigidas pelo conjunto da burguesia.

Nesse contexto, em março de 2004, foi realizado o Encontro Sindical em Luziânia (GO). A ideia de unir os setores que lutam encontrou eco tão grande que, para um evento em que eram esperadas de 700, a no máximo mil pessoas, compareceram 1700 ativistas de todo o país. O encontro aprovou um calendário de lutas e uma coordenação que passou a reunir todos os sindicatos e movimentos que se dispusessem a lutar contra as reformas. Era o embrião do que viria a ser a então Coordenação Nacional de Lutas, a Conlutas.

Em junho de 2004 a Conlutas teve seu batismo nas ruas, com uma Marcha a Brasília contra as reformas Sindical e Trabalhista que reuniu cerca de 20 mil pessoas. A partir daí a central sindical e popular passou a se consolidar nas lutas e nos estados, constituindo uma alternativa nacional de organização e luta.

CONSOLIDAÇÃO

Embora na prática já estivesse presente na luta de classes do país, a Conlutas foi apenas se firmar oficialmente enquanto entidade no Congresso Nacional dos Trabalhadores, o Conat, em maio de 2006 na cidade de Sumaré (SP).

Quatro mil pessoas de todo o país representando um milhão e setecentos mil trabalhadores, estudantes e ativistas de movimentos sociais fundaram uma entidade que tinha por objetivo organizar não só os trabalhadores do mercado formal de trabalho, mas também os informais, desempregados e os que estão na base dos movimentos sociais e populares, ou seja, metade da força de trabalho.

O processo de reorganização seguiu enquanto a CUT parecia aprofundar sua crise. Setores ligados ao PSOL e ao PCB romperam a entidade em 2006 e, infelizmente, numa postura sectária, se negaram a integrar a Conlutas e formaram a Intersindical. Pouco depois foi a vez da corrente sindical do PCdoB, a Corrente Sindical Classista (CSC), sair da CUT, devido a uma disputa de aparatos, para formar a Central dos Trabalhadores do Brasil (CTB).

A Conlutas, por outro lado, embora fosse naquele momento a alternativa mais consolidada à esquerda da CUT, manteve sempre seu chamado à unidade de todos os setores combativos. Em março de 2007, por exemplo, seis mil pessoas lotaram o ginásio do Ibirapuera em São Paulo no encontro impulsionado pela Conluta que reuniu setores como Intersindical, MTST, CSC, Cobap (Confederação Brasileira dos Aposentados) e até dirigentes do MST.

Em julho 2008, mais um passo para o fortalecimento da Conlutas. O I Congresso da entidade, realizado em Betim (MG), elege a luta contra a burocratização como a principal tarefa para o período.A partir daí a entidade foi se firmando e se estruturando nos estados. Sua direção, contudo, refletindo o processo em aberto de reorganização e fragmentação da esquerda e dos movimentos sindical e popular, permanece aberta. Ainda que contasse com uma direção executiva, a política geral da Conlutas era definida nas reuniões da coordenação nacional, aberta a qualquer entidade ou movimento.

CONTRADIÇÕES

O processo de reorganização, porém, mesmo que esteja longe de terminar, não é uma via de mão única. Como tudo na vida, tem as suas contradições. Em novembro de 2009 um seminário de reorganização realizado em São Paulo reuniu amplos setores, entre eles uma parte da Intersindical, e definiu as bases para um congresso de unificação em 2010. Durante meses, ricos debates de preparação ocorreram nos estados, reunindo uma ampla gama de ativistas.

Em junho de 2010, o 2º Congresso da Conlutas em Santos (SP) aprovou a unificação com a Intersindical e outros setores, no Congresso Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat). No entanto, a unificação não acontece. A Intersindical e setores como a Unidos Para Lutar (CST, corrente do PSOL), descumpriram o que havia sido definido no seminário e não aceitaram o critério de que os impasses fossem definidos atravésno voto na base. Sob o pretexto da polêmica em torno do nome da nova entidade, decidiram romper com o processo de unificação.

Por outro lado, o MTL (Movimento Terra, Trabalho e Liberdade) decide se integrar a esse processo, tal como o MTST. A nova entidade, sob o nome de CSP-Conlutas (Central Sindical e Popular), foi fundada no congresso que reuniu 3150 delegados. O nome resgata a tradição e experiência dos últimos anos na construção dessa entidade que se propõe a reunir os trabalhadores, movimento popular e setores oprimidos da sociedade.

I CONGRESSO

Coincidentemente, o I Congr esso da CSP-Conlutas ocorre a poucos dias da aprovação do fundo privado da Previdência pública pelo Governo Dilma, o chamado Funpresp. Um complemento da reforma da Previdência do governo Lula em 2003. Por outro lado, a CUT, no último período, elegeu a defesa da indústria nacional sua principal prioridade, enquanto os trabalhadores amargam mais exploração. Uma amostra que os desafios colocados para os trabalhadores, dez anos após a posse do PT, continuam os mesmos.

1. Encontro Sindical em Luziânia *(março/2004)*; **2.** Protesto contra reformas Sindical e Trabalhista em Brasília *(junho/2004)*; **3.** CONAT *(maio/2006)*.

“O Congresso da CSP onde as lutas s

Entre os dias 27 a 30 de abril, será realizado, em Sumaré (SP), o 1º Congresso Nacional da CSP-Conlutas. Para falar sobre os desafios do congresso e como o evento está sendo preparado, o *Opinião Socialista* entrevistou dois membros da Secretaria Executiva Nacional da Central, o bancário Sebastião Carlos “Cacau” e o operário da construção civil, Atnágoras Lopes

DA REDAÇÃO

QUAL É A IMPORTÂNCIA DESSE CONGRESSO?

Sebastião Cacau - Além de consolidar a CSP-Conlutas, este congresso é ainda mais importante por causa do momento em que acontece. O ano passado, primeiro ano com Dilma, foi marcado pela retomada do ascenso sindical no país. De norte a sul ocorreram muitas greves e mobilizações dos trabalhadores, e com um grande destaque: a volta das mobilizações operárias, na construção civil, nas obras do PAC e nas montadoras de automóveis.

Nos canteiros das obras do PAC, aconteceram verdadeiras rebeliões contra as condições de trabalho, enfrentando as empresas, os governos, a violência da polícia e as traições da burocracia sindical.

Todas essas mobilizações levaram a CSP-Conlutas a um plano de destaque nacional, pelo papel que a Central cumpriu, levando apoio e solidariedade às lutas.

A LUTA NOS CANTEIROS CONTINUA. NA SEMANA PASSADA, INCLUSIVE UM OPERÁRIO MORREU EM BELO MONTE...

Atnágoras Lopes - Sim. As condições de trabalho são revoltantes. Para se ter uma ideia, em 2009 foram libertadas 38 pessoas em condições de trabalho semi-escravo na obra de Jirau.

Nesta semana, pela primeira vez, eu tive a oportunidade de visitar Belo Monte. A situação é explosiva. Levei nossa solidariedade aos cerca de 43 mil operários que estão em uma forte greve nos canteiros das hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio, no Rio Madeira, em Rondônia, duas das principais obras do país. Além do aumento salarial e direitos, os trabalhadores denunciam abusos das forças policiais. Para garantir a obra, as tropas ocupam o local desde março de 2011, exibindo armamento pesado.

Agora, vamos denunciar essa situação e levar as reivindicações deles para a mesa nacional de negociação, onde também estão representantes do governo e dos consórcios.

> “Queremos que esses processos de luta se reflitam lá em Sumaré, inclusive com a presença de muitos dirigentes dessas mobilizações, lideranças das greves”
> *‘Cacau’*

COMO ISSO VAI SE REFLETIR NO CONGRESSO?

Cacau - . O congresso será o espaço onde as lutas se encontram. Nós queremos que esses processos de luta se reflitam lá em Sumaré, inclusive com a presença de muitos dirigentes dessas mobilizações, lideranças das greves etc. E, obviamente, o congresso precisa aprovar campanhas políticas para o próximo período, que será, sem dúvida, de muitos enfrentamentos.

Uma dessas campanhas deve ser contra os crimes que estão sendo cometidos em nome da realização da Copa do Mundo. Além das greves nos estádios, hoje, há uma jornada nacional de luta, contra os despejos e remoções que estão ocorrendo em larga escala nas obras dos estádios. Nessa mobilização tem destaque os setores do movimento popular que compõem a *Resistência Urbana – Frente Nacional de Movimentos*.

QUAL É A EXPECTATIVA PARA O CONGRESSO, EM TERMOS DE DELEGAÇÕES?

Cacau - Devemos reunir cerca de 2.500 participantes, entre delegados e observadores. Além dos sindicatos e movimentos populares urbanos e rurais, estarão presentes os movimentos de luta contra as opressões e o movimento estudantil, representado pela Assembleia Nacional de Estudantes-Livre (ANEL).

Na véspera do Congresso teremos ainda um encontro das mulheres trabalhadoras que se organizam na CSP-Conlutas, junto com o Movimento Mulheres em Luta (MML), para tratar da luta da mulher trabalhadora contra a opressão e a atuação com os sindicatos (leia nas páginas seguintes).

HÁ APROXIMAÇÕES DE ENTIDADES, COMO A FENASPS, E TAMBÉM A ADESÃO DE NOVOS SINDICATOS. COMO VOCÊ AVALIA ESSE PROCESSO?

Cacau - A CSP-Conlutas, embora seja uma Central minoritária, se fortaleceu no último período e temos a possibilidade de trazer ao Congresso não só as representações das entidades filiadas, mas uma vanguarda mais ampla, organizada em seus locais de trabalho, de moradia e nas escolas. E, também, das entidades que ainda não se decidiram pela filiação a nossa Central, mas nos vêem com simpatia.

Nós continuamos perseguindo o objetivo da unidade dos setores combativos numa mesma central sindical e popular classista. O CONCLAT, em 2010, apesar da ruptura de um setor minoritário, deu passos nesse sentido. Temos agora a possibilidade de seguir avançando.

> “A organização de base, nos locais de trabalho, é fundamental. Funciona como uma vacina para combater a burocratização, um mal que afeta tantos e tantos sindicatos e centrais”
> *‘Cacau’*

Nesse sentido, valorizamos muito a posição assumida pela diretoria da FENASPS [federação que representa os trabalhadores da Seguridade Social], que decidiu participar do Congresso com observadores e convidados. É um passo significativo e que fortalece a construção de um pólo classista e socialista, em uma mesma organização nacional.

Além da Fenasps, no Congresso devem se refletir outros processos de aproximação e de organização da nossa classe, dentre eles de sindicatos do setor metro-ferroviário, dos correios, petroleiros, do judiciário estadual, de diversos movimentos populares do campo e da cidade, movimentos quilombolas, além de processos regionais como o que ocorre em Goiás, com a filiação de vários sindicatos oriundos da UGT [União Geral dos Trabalhadores] a nossa Central.

O CONGRESSO VAI OCORRER ÀS VÉSPERAS DO 1º DE MAIO. O QUE ESTÃO PROGRAMANDO PARA A DATA?

Atnágoras - Vamos fazer um grande ato nacional para comemorar o dia internacional dos trabalhadores. Na prática, o ato vai fechar a programação do I Congresso da CSP-Conlutas. Será um ato classista, na cidade de São Paulo, organizado pelos sindicatos e demais entidades de classe, sem financiamento das empresas, governos e ONGs.

Reunirá os milhares de trabalhadores e trabalhadoras presentes ao Congresso e delegações de diversos estados, levantando bem alto as bandeiras de luta dos movimentos sindicais, estudantis, populares e de combate às opressões, abandonadas pela maioria das direções, hoje alinhadas com as políticas dos governos.

Cacau – E vai ser um ato em muitas línguas. Vamos ter a presença da delegação internacional, dos representantes das dezenas de países que virão ao Congresso. Trabalhadores da Espanha, Portugal, Itália, França, Japão, Argentina, Costa Rica, Moçambique, enfim, do mundo todo.

-Conlutas é o espaço se encontram"

Isso vai enriquecer, em muito, o ato, e confirma a vocação internacionalista da CSP-Conlutas e nosso compromisso com a luta dos trabalhadores em todo o mundo, contra o Capital e por uma sociedade sem exploração.

Em seguida, nos dias 2 e 3 de maio, teremos uma reunião internacional, aqui em São Paulo, com representantes destas diversas organizações e movimentos. Essa reuinão foi chamada por nós e pelo Solidaires. Vamos ter, por exemplo, representantes de países africanos, que lutam contra a exploração da Vale e que poderão contar com nosso apoio contra a multinacional... O pessoal do Solidaires, da França, tem uma experiência de sindicalismo parecida com a nossa, que busca a independência e o classismo. Esse encontro internacional é muito importante, para aprofundar os laços de solidariedade, trocar experiências e apontar para campanhas e lutas comuns da CSP-Conlutas e organizações parceiras.

PORQUE A ESCOLHA DO TEMA DO CONGRESSO, SOBRE A ORGANIZAÇÃO DE BASE?

Cacau - A organização de base, nos locais de trabalho, é fundamental. É requisito para que haja democracia em nossas entidades e movimentos. E mais: funciona como uma vacina para combater a burocratização, um mal que afeta tantos e tantos sindicatos e centrais.

Esse debate é muito amplo e não há fórmula pronta. Não pode ser tratada como uma formalidade... do tipo, *"ah tem comissão de base? Pronto. Tá resolvido"*. Não é assim, simples...

Por isso estamos dedicando grande parte de nossos esforços a esse tema. Em novembro passado, fizemos um Seminário Nacional, com 240 ativistas, gente que atua em comissões de base, comissões de fábrica, comandos, delegados e representantes sindicais, Cipas, oposições etc.

Foi uma ótima atividade. Principalmente pela variedade de setores presentes: construção civil, químicos, metalúrgicos, petroleiros, gráficos, costureiras, servidores públicos, bancários, comerciários etc... Foi uma troca, com relatos de experiências e, claro, muitas propostas sobre o que temos de fazer para revolucionar a atuação dos sindicatos, permitir que a base participe, decida, seja parte da vida política dos sindicatos. Em especial em relação às mulheres, que, em em função da opressão a que são submetidas e da dupla jornada, têm mais dificuldade em participar da vida do sindicato, de ir numa assembleia à noite.

> "Não queremos que os trabalhadores se organizem pela base apenas para as lutas específicas. Queremos que exerçam o poder, de olho no futuro. Esse é o nosso sonho, como está no lema do Congresso"
> *Atnágoras*

O Seminário construiu propostas que orientam a nossa intervenção nas entidades e as campanhas de nossa Central sobre o tema. Essas propostas serão agora discutidas no Congresso e transformadas em resoluções.

Atnágoras - Estamos avançando na compreensão deste tema, mas ele tem ainda um aspecto estratégico. Quando organizamos os trabalhadores na base, criando condições para que discutam, atuem sobre aquela realidade, discutam o assédio do encarregado, entre outras coisas, e, principalmente, decidam, estamos plantando uma semente. Estamos diante de situações onde trabalhadores e trabalhadoras acumulam experiência no exercício do poder. Não esperam a diretoria do sindicato dizer o que tem de ser feito. Isso é fundamental para o futuro, para a sociedade que queremos construir, que será gerida pela maioria, pela nossa classe.

Nós não queremos que os trabalhadores se organizem pela base apenas para as lutas específicas. Queremos que exerçam o poder, de olho no futuro. Esse é o nosso sonho, como está no lema do Congresso, do poema de Carlos Drummond de Andrade, conterrâneo do meu amigo Cacau... (risos)... *"O futuro é tão grande... Vamos juntos, de mãos dadas"*. ■

Saiba mais

Fique atento ao calendário

15 A 20 DE ABRIL -Eleição dos(as) delegados(as) das organizações estudantis e movimentos de luta contra a opressão
27 A 30 DE ABRIL - I Congresso da Central Sindical e Popular – Conlutas
1º DE MAIO - ato em São Paulo com as delegações presentes ao Congresso
2 E 3 DE MAIO – Reunião Internacional em São Paulo

MAIS INFORMAÇÕES:
http://www.congressocspconlutas.org

Muito mais que uma Central Sindical

WILSON H. DA SILVA*, da Redação

Perguntada sobre a importância do primeiro congresso da CSP-Conlutas e suas expectativas em relação ao evento, Helena Silvestre, dirigente da "Luta Popular", não teve dúvidas: *"Esta não é uma data qualquer. O congresso marca a continuidade, a consolidação, de uma iniciativa bastante ousada, em termos políticos, no sentido de propor – diferente daquilo que tradicionalmente tivemos no Brasil – a construção de uma Central com um caráter diferenciado; uma Central onde a classe trabalhadora pode se expressar no conjunto de suas demandas e movimentos de base, não apenas na suas lutas sindicais"*.

Na curta história da Central, essa ousadia tem se traduzido em iniciativas importantes e concretas na tentativa de organizar e atuar nas lutas dos trabalhadores e da juventude para além de seus locais de trabalho e das questões vinculadas aos salários e condições de trabalho.

UMA CENTRAL CONTRA A CRIMINALIZAÇÃO DA POBREZA

Helena e a entidade da qual participa são exemplos de como este esforço está sendo feito em um dos setores da sociedade que mais se mobilizou nos últimos anos, o movimento popular.

Mobilizações provocadas pela forma como o governo Dilma (em conluio com as empreiteiras e governos locais) está despejando trilhões de reais em obras de infra-estrutura – Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), projeto "Minha casa, minha vida" e, principalmente, obras dos "Grandes Eventos" (Copa e Olimpíadas) – ao mesmo tempo em que ataca direitos básicos da população.

Todos estes projetos têm resultado em remoções em massa, ataques ao direito de moradia e um asqueroso processo de "criminalização da pobreza", como parte de uma contra-reforma urbana.

O criminoso ataque ao Pinheirinho foi apenas um dos lamentáveis exemplos das consequências desta situação. E a organização da resistência dos moradores do Pinheirinho estará no centro dos debates do congresso. Um debate que será enriquecido com a experiência que a CSP-Conlutas, juntamente com entidades como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) acumulou em lutas como as ocupações no Ministério das Cidades (DF) e tantas outras travadas em ocupações e, acampamentos país afora.

Os ataques contra o movimento popular são parte de um projeto de higienização social e criminalização da pobreza que tem sido levado a cabo pelas elites dominantes deste país, com cumplicidade atuante do governo do PT e do PCdoB. Um projeto que em muito também tem contribuído para o crescimento da ideologia discriminatória e preconceituosa.

UM INSTRUMENTO PARA O COMBATE ÀS OPRESSÕES

A luta contra o machismo, o racismo e a homofobia terão espaço garantido no congresso. Desde sua fundação, a CSP-Conlutas tem se colocado como um instrumento na luta contra toda e qualquer forma de opressão, principalmente quando ela se volta contra a classe trabalhadora e a juventude.

Os debates e resoluções serão baseados nas muitas experiências e iniciativas que a Central já desenvolveu na sua curta história e tiveram início com a formação dos setoriais de combate à opressão (Mulheres, LGBT e Negros e Negras).

1° ENCONTRO DAS MULHERES DA CSP-CONLUTAS

O combate ao machismo terá espaço garantido no dia 27 de abril, quando o Setorial de Mulheres da CSP-Conlutas e o Movimento Mulheres em Luta irão realizar o 1º Encontro de Mulheres da Central.

Os principais objetivos são aprofundar e atualizar a análise da situação política e econômica, sob o ponto de vista das mulheres trabalhadoras, e debater experiências de organização de base, como as que estão sendo feitas na Construção Civil de Belém ou no Sindicato dos Metalúrgicos de S. José dos Campos.

O Encontro também irá preparar a intervenção das delegadas ao Congresso, que também contará com a presença de categorias de forte presença feminina, que travaram importantes lutas, em 2011, e estiveram à frente da implementação da campanha "Trabalho Igual, Salário Igual", como profissionais da Educação, funcionárias públicas, metalúrgicas, carteiras, bancárias, petroleiras e metroviárias.

VISIBILIDADE PARA A LUTA CONTRA A HOMOFOBIA

O primeiro congresso também vai garantir a visibilidade para as muitas atividades e lutas desenvolvidas pelo Setorial LGBT da entidade.

Em 2011, por exemplo, as bandeiras da CSP-Conlutas, tingidas com as cores do arco-íris, estiveram presentes na 2° Marcha Nacional Contra a Homofobia, em Brasília, na Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, Campinas, Fortaleza diversas outras cidades, sempre vinculando a luta por direitos e a exigência da criminalização da homofobia à denúncia das capitulações do governo.

O Setorial também impulsionou a realização do 6° Encontro Sudeste de Travestis e Transexuais, em São José dos Campos; esteve na 2° Conferência Nacional LGBT (defendendo a necessidade da organização independente dos governos e dos patrões, e em aliança com os trabalhadores e da juventude), organizou um Seminário com a presença do deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ) e o então presidente da Parada de São Paulo, Ideraldo Beltrame e produziu, juntamente com os LGBT organizados pela ANEL, uma cartilha sobre o tema. Baseados nestas experiências os delegados e delegadas LGBT irão traçar um plano para dar continuidade a sua organização e suas lutas.

UM QUILOMBO PARA A LUTA NEGRA

O Movimento Nacional Quilombo Raça e Classe, o Quilombo Urbano (Maranhão) e outros lutadores que compreendem que a luta anti-racista deve ser combinada com o combate ao sistema capitalista têm levado as bandeiras da Central para as principais atividades do movimento negro, como as Marchas da Periferia; a luta dos quilombolas no Maranhão e na Bahia ou o Fórum Social Temático, realizado em Porto Alegre.

Negros e negras da CSP-Conlutas estarão no Congresso para discutir como avançar na sua organização e lutas e, principalmente, como combiná-las com as elaborações e reivindicações dos demais setores que compõem a Central.

Expressão de que a Central está realmente sendo construída como uma verdadeira "coordenação de lutas", as expectativas dos movimentos populares, LGBT, de mulheres, negros e negras podem ser sintetizadas na avaliação da importância que Helena Silvestri faz sobre o primeiro congresso: *"se outros outubros virão, nossos congressos, nossas jornadas de luta, a organização dos trabalhadores, são passos que nos aproximam um pouquinho mais deles"*.

* com colaboração de Camila Lisboa, Douglas Borges e Júlio Condaque.

Operários cruzam os braços nas obras do PAC

Representantes da CSP- Conlutas foram a Belo Monte para levar apoio às reivindicações dos trabalhadores

JEFERSON CHOMA, da redação*

TRABALHADORES TRATADOS COMO GADO.
Polícia reprime 8 mil que se acotovelavam para receber seus salarios

INFORMATIVO AOS TRABALHADORES

CCBM CONSÓRCIO CONSTRUTOR BELO MONTE

PARALISAÇÃO NÃO É A SOLUÇÃO

* O CCBM vem mantendo um canal aberto para dialogar com o SINTRAPAV/PA e a comissão de representantes dos trabalhadores, com o objetivo de negociar temas que tragam benefícios a todo o grupo.

* Haverá uma reunião no dia 10 de abril, em Altamira, para negociação de reivindicações. Entre elas, a redução do tempo de baixada e o reajuste do vale-alimentação.

TRABALHAR E NEGOCIAR

* A paralisação das atividades da maneira como vem ocorrendo é ILEGAL, pois não cumpre os requisitos determinados na lei para o início de movimento grevista.

* A melhor maneira de conseguir um acordo rápido e justo é com o retorno às atividades normais, enquanto CCBM e sindicato negociam.

FIQUE ATENTO!

EXISTEM PESSOAS QUE DESEJAM PROMOVER DESORDENS E IMPEDIR QUE VOCÊ EXERÇA SEU DIREITO DE COMPARECER AO TRABALHO!

TRATA-SE DE UMA MINORIA SEM NENHUM COMPROMISSO COM OS INTERESSES DOS TRABALHADORES DO CCBM!

CONVOCAMOS TODOS PARA, APÓS O PAGAMENTO DO DIA 02/04, RETOMAREM SUAS ATIVIDADES NORMAIS NOS SÍTIOS DE OBRAS!

REIVINDIQUE E NEGOCIE.
MAS SEM PARAR DE TRABALHAR

Novas greves operárias tomaram conta dos canteiros das principais obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento).

Nas obras da Usina de Belo Monte, a greve dos operários começou no dia 28 de abril, em um dos canteiros da obra. Mas, rapidamente, se espalhou como um rastilho de pólvora e atingiu todas as unidades da obra. Pelo menos 80% dos oito mil operários aderiram à greve.

O movimento começou quando um operador de motosserra, Orlando Rodrigues Lopes, de Altamira, morreu em um acidente de trabalho. Mas os trabalhadores denunciam que os acidentes com mortes já fazem parte da rotina. *"Eles [a empresa] mandam o corpo pra família, porque eles moram fora, e ninguém fica sabendo de nada. Eles abafam. Mas não conseguiram abafar agora porque o peão era de Altamira"*, relatou um operário à reportagem do movimento Xingu Vivo.

A pauta da greve em Belo Monte exige: equiparação salarial; redução do intervalo da baixada (visita à família, quando são de outras regiões) de seis para três meses; comida e água não estragadas; fim do desvio de função; baixada para ajudantes de produção (cargo mais baixo na hierarquia da obra); capacitação para funcionários; plano de saúde; aumento do cartão alimentação (hoje, em cerca de 90 reais); aumento de salário; pagamento de horas extras aos sábados; transporte digno e o direito à baixada para os trabalhadores que decidirem, por conta própria, morar fora dos canteiros de obras. Outro elemento da pauta é a exigência da "troca" do atual sindicato como representante dos trabalhadores.

REBELIÃO NA BASE

Há uma ampla revolta dos operários contra o atual Sindicato dos Trabalhadores da Construção Pesada do Pará (Sintrapav), ligado à Força Sindical, acusado de ser totalmente alinhado com a empresa. A rebelião é tamanha que os trabalhadores lançaram um abaixo-assinado para que o sindicato não seja mais a entidade representativa da categoria.

Desde o início, o sindicato tenta sistematicamente acabar com a greve. O presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria da Construção Pesada (Fenatracop), Wilmar Gomes dos Santos, chegou a dizer que as barricadas feitas pelos operários para os piquetes de greve foram promovidas por movimentos e não pelos trabalhadores da obra. Para ele, a greve "não existe". *"Tivemos reuniões com a empresa, fizemos acordo e encerramos a greve após a decisão tomada pela assembleia na sexta-feira. Ao tentarmos voltar ao trabalho, no sábado, seguindo o acordado com a empresa, fomos impedidos pelos movimentos sociais extra-obra"*, disse ao Portal Agência Brasil, do governo federal.

No último dia 2, uma comissão da CSP- Conlutas foi a Altamira para auxiliar a greve dos trabalhadores. Atnágoras Lopes, da Executiva Nacional da Central e Aílson Cunha, Coordenador Geral do Sindicato da Construção Civil de Belém, estiveram com os operários, desde às 4h da manhã, levando apoio as suas reivindicações.

Atnágoras levou as denúncias e reivindicações dos operários à reunião da Mesa Nacional de Negociação composta pelo governo federal, empresas construtoras e sindicatos da categoria. A reunião ocorreu em Brasília, no último dia 3. *"Levamos à Mesa as reivindicações dos operários de Belo Monte. Eles não querem mais ter que comer comida estragada,precisam de aumento de salário e exigem que nenhuma demissão seja feita, como já aconteceu em outras greves no passado. A CSP-Conlutas exige que o governo cumpra o Termo Nacional que já foi aprovado nessa mesma instância"*, afirmou Atnágoras ao *Opinião*.

TRATADOS COMO GADO

Na manhã do dia 2, um trabalhador de Belo Monte foi preso durante uma ação de repressão da polícia. A ação ocorreu quando a empresa resolveu adiantar os pagamentos dos salários (em dinheiro) em uma danceteria em Altamira. A polícia foi chamada pra "organizar". Rapidamente usou bombas de gás e spray de pimenta. Um helicóptero sobrevoava o local, com fuzis apontados para os trabalhadores operários. Carros da polícia com adesivos do consórcio privado Norte Energia desfilam na cidade (veja foto), mostrando o claro compromisso do Estado na repressão aos trabalhadores.

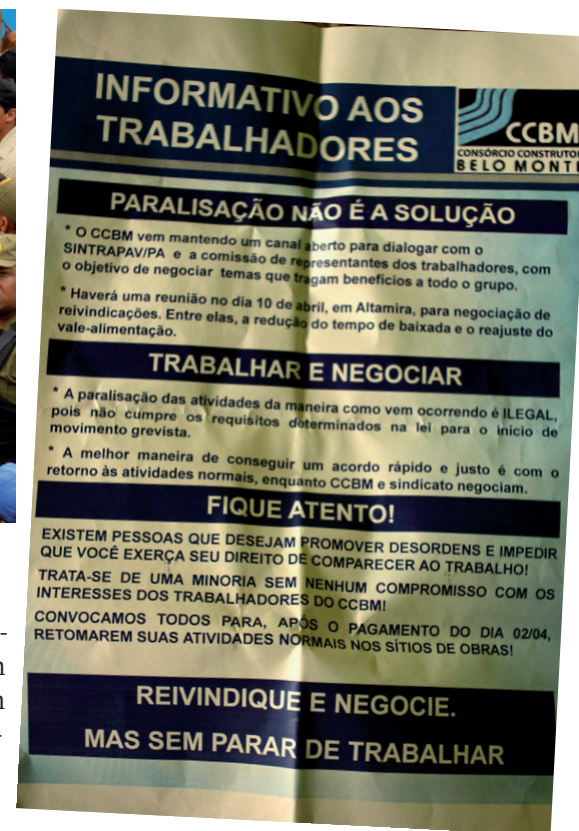
"Um absurdo. A situação dos trabalhadores era desumana. São tratados como gado. Nunca vi isso. Oito mil peões se acotovelando pra receber o pagamento e ainda recebendo paulada da polícia.", relata Atnágoras, que testemunhou a cena dantesca.

Como se não bastasse a empresa distribui panfletos chamando os operários de volta ao trabalho. Acusam uma *"minoria sem compromisso com o trabalhador"* de impedi-los a voltar. Ou seja, em Belo Monte, o único direito dos trabalhadores é o de voltar ao trabalho.

Já a nota do sindicato afirma que a entidade é *"o legitimo e único"* representante da categoria e que *"nenhuma federação, central sindical ou outra entidade sindical tem competência para fazer reivindicações"*.

JIRAU E SANTO ANTÔNIO

Já os operários das usinas hidrelétricas Jirau e Santo Antônio, no Rio Madeira (RO), entraram em greve nos dias 8 e 20 de março, respectivamente. Eles reivindicavam reajuste salarial de 30%, diminuição da jornada de trabalho (de 44 para 40 horas), aumento da cesta básica e plano de saúde extensivo para toda a família, além de outros pontos.

Imediatamente, a construtora Camargo Correia, a grande imprensa e a justiça iniciaram uma campanha para demonizar os trabalhadores de Jirau.

CARRO DA POLÍCIA TEM "PATRÔCIONIO"
do consorcio privado Norte Energia, que realiza as obras em Belo Monte

Os operários tiveram que enfrentar a decisão do Tribunal Regional do Trabalho (TRT), que decretou a ilegalidade do movimento. O governador do estado de Rondônia, Confúcio Moura (PMDB) pediu ajuda à Força Nacional de Segurança para intervir contra os trabalhadores grevistas. Mesmo assim, os 15 mil peões decidiram manter a greve até o dia 2 de abril. Nesta data, reunidos em assembleia, os operários de Jirau e Santo Antônio resolveram voltar ao trabalho. Segundo o sindicato da categoria, a assembleia votou a favor de uma proposta que prevê um reajuste de 7% para quem ganha até R$ 1,5 mil e de 5% para quem tem salário maior. Porém, nada ainda está resolvido e novas greves poderão paralisar os canteiros de obras. ■

*informações com Xingu Vivo

Marcha dos servidores públicos federais reúne 4 mil em Brasília

Protesto reúne 4 mil em Brasília. Agora é preparar a greve nacional do setor

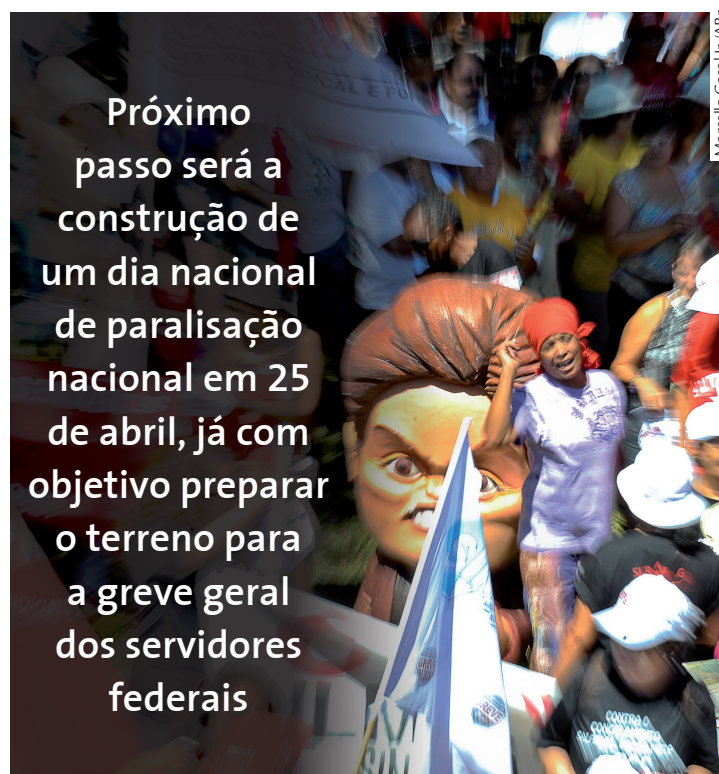
DA REDAÇÃO

Mais de 4 mil pessoas se reuniram em Brasília, no último dia 28, na Marcha Nacional dos Servidores Públicos Federais. Munidos de faixas, cartazes e palavras de ordem, os manifestantes vieram de diversas regiões do país. O Ato Público Nacional foi convocado pelas 31 entidades que compõe o Fórum Nacional das Entidades dos Servidores Federais e contou com a participação de sindicatos filiados à CSP-Conlutas como Sindsef-SP, Sintrajud, Sinasefe, Andes-SN, entidades que compõem e Espaço de Unidade de Ação, entre outros.

O objetivo da manifestação era pressionar o governo para o atendimento das reivindicações da campanha salarial 2012. Entre as principais bandeiras dos servidores, estava a rejeição do PLC 2/2012 que cria o fundo de pensão complementar e privatiza o sistema de Previdência do funcionalismo federal. O projeto foi aprovado na Câmara dos Deputados e no Senado, e agora cabe a presidente Dilma decidir pela suam sanção ou não.

Na opinião de Paulo Barela, da CSP-Conlutas, o processo construído pelas entidades nacionais vem acumulando forças. "*A manifestação foi uma prova inequívoca da disposição dos servidores federais em lutar contra as políticas do governo em busca de suas reivindicações*", disse.

As reuniões realizadas com o Secretário de Relações do Trabalho do Ministério do Planejamento, Sérgio Mendonça, não avançaram um milímetro sequer na pauta de reivindicações. O governo afirma que a proposta de reajuste emergencial de 22,08% é inaceitável, porque corresponde a R$ 25 bilhões do orçamento, ou 0,5% do PIB. Porém, o secretário não explicou como o governo Dilma pode liberar R$ 3 trilhões, ou 78% do PIB, para pagar os juros e parte do montante com a dívida pública para os banqueiros.

"Estamos cansados das embolações nas mesas do Ministério do Planejamento. Nosso próximo passo será a construção de um dia nacional de paralisação nacional em 25 de abril, já com objetivo preparar o terreno para a greve geral dos servidores federais", afirma.

ATIVIDADE DA LIT-QI no Fórum Social Mundial em 2005.

Governo privatiza a previdência dos servidores

DA REDAÇÃO

O governo Dilma quer aprovar o Projeto de Lei 1992/2007, que estabelece o Fundo de Previdência Complementar do Servidor Público Federal, chamado Funpresp. Trata-se, na verdade, da finalização da reforma da Previdência iniciada pelo então presidente Lula, em 2003. Na prática, o projeto acaba com a aposentadoria integral do funcionalismo público.

As novas regras estabelecidas pelo projeto impõem para a aposentadoria do setor o mesmo teto, hoje em R$ 3.916,20. Para o servidor se aposentar com o mesmo vencimento que recebia na ativa, caso receba acima desse limite, terá que contribuir com um fundo de previdência privado. O projeto possibilita a criação de três fundos, um para cada poder da União. Funcionarão, na verdade, como planos de previdência privada, em regime de capitalização, e terão seus recursos investidos no sistema financeiro para garantir rendimentos.

RENDIÇÃO

O governo Dilma mais uma vez se rende ao sistema financeiro criando um fundo de pensão onde apenas o trabalhador tem riscos. A modalidade é de contribuição definida, mas benefício não definido. *"Isso significa que o trabalhador sabe quanto vai pagar de seu salário, mas seu benefício vai depender dos resultados da aplicação dos recursos no mercado de capitais; se der lucro, tudo bem, mas se der prejuízo, só quem perde é o trabalhador"*, explica Barela.

Em outras palavras, se a instituição financeira à qual foram aplicados os recursos do Fundo de Pensão, tiver prejuízo ou quebrar, a responsabilidade sobre as perdas não recairá sobre essa instituição, nem sobre o governo, mas unicamente ao trabalhador.

O mais impressionante é que esse projeto segue na contramão da realidade mundial e da América do Sul. O Chile, a Argentina e o Uruguai, por exemplo, estão abandonando essa modalidade e retomando o modelo de repartição e solidariedade, uma vez que os prejuízos vão além do bolso do trabalhador, mas atingem a economia de uma forma geral.

"É uma grande mentira que o Funpresp vai atingir apenas os novos servidores. Na verdade, de imediato, o governo precisa estabelecer um lastro financeiro de vulto para capitalizar o fundo, portanto, deverá preparar um plano de opção para os atuais servidores de modo que migrem do Plano de Seguridade Social do Servidor-PSS para o Funpresp", diz Barela.

Estimativas apontam que seriam necessárias 400 mil adesões imediatas para garantir esse lastro financeiro. A tarefa das entidades, tal como no PDV (Plano de Demissão Voluntária) do governo FHC, é conscientizar os servidores a não fazerem essa opção, além, é claro, de exigir de Dilma o veto ao projeto e tomada de iniciativas jurídicas de inconstitucionalidade do projeto.

PRIVATIZAÇÃO DA PREVIDÊNCIA

Apesar do discurso, o projeto do governo significa a privatização da Previdência pública dos servidores O fundo terá caráter privado. Os recursos vindos da contribuição do governo e dos trabalhadores serão administrados por uma empresa e aplicados no sistema financeiro.

O governo, por sua vez, 'economizará' com a medida, no longo prazo, liberando mais recursos para o pagamento dos juros da dívida pública à agiotagem internacional e os lucros dos bancos.

Aos trabalhadores do setor público, além da perda da garantia da aposentadoria integral, resta a insegurança do fundo privado de capitalização que, como todo investimento financeiro, pode perder-se em instantes no repique de alguma crise ou algum investimento mal-feito.

Não há dúvida de que o mercado financeiro está por trás desse projeto. A forma como foi aprovado no Senado Federal, passando por três comissões e votação simbólica no plenário em apenas um dia, é prova da relação promíscua do governo e do Congresso Nacional com a banca de especuladores do sistema financeiro. É preciso denunciar que os mesmos integrantes do PT, que atuam no sistema Previdenciário privado e nos fundos como Previ e Petros, por exemplo, foram os principais articuladores da aprovação do Funpresp.

"É evidente que a corrupção e a farra com o dinheiro do trabalhador vão se transformar no grande lance desse fundo de pensão complementar. Para os servidores ainda resta a luta com a construção da paralisação no dia 25 de abril e a preparação da greve geral no serviço público ainda neste semestre", conclui Barela.

O mosaico de uma metamorfose ambulante

"Raul Seixas: o início, o fim e o meio" é um belo documentário que não se furta de mostrar todos os aspectos do ídolo do rock

WILSON H. DA SILVA, da redação

Em agosto de 2009, aos 20 anos da "última viagem" de Raul Seixas, publicamos uma matéria ("Por que tem que tocar Raul", disponível no Portal do PSTU) em que destacávamos alguns aspectos da vida e da obra do nosso eterno "maluco beleza" que fazem dele figura única e sempre presente no cenário da música e da cultura brasileiras.

Agora, o lançamento do ótimo documentário "Raul Seixas: o início, o fim e o meio" nos permite revisitar a vida do cantor através de entrevistas e imagens inéditas que formam um verdadeiro banquete para os apreciadores de Raulzito e também para todo e qualquer um interessado na história da cultura e da música nos últimos 50 anos.

UM MOSAICO CHAMADO RAUL SEIXAS

Para além da cinematográfica vida que Raul Seixas teve, grande parte da qualidade do filme é resultado da competência e sensibilidade de seus dois diretores.

Walter Carvalho, dono de uma obra extensa, é mais conhecido por filmes como "Central do Brasil", mas também tem excelentes documentários no seu currículo, como "Notícias de uma guerra particular" (sobre a violência nas comunidades cariocas). Já o co-diretor, Evaldo Mocarzel assinou a direção de uma interessante série filmes com o título "À margem..." (da Imagem, do Lixo e do Concreto).

O domínio dos dois da linguagem do cinema para contar uma boa história fica evidente logo nos primeiros instantes do filme. Primeiro, da tela completamente preta, surge a voz de Raul lendo uma espécie de testamento para suas filhas. Corte rápido, ouvimos alguém declamando os versos iniciais de "Uivo" – *"Eu vi os expoentes de minha geração destruídos pela loucura"* –, o poema de Allen Ginsberg que, no final dos anos 1950, sintetizou a visão de mundo da geração beatnik.

Mal o verso acaba, a tela é preenchida por imagens que revezam cenas do filme "Easy Rider" ("Sem destino", um clássico da geração "hippie") mescladas com as de um "clone" de Raul que vaga de moto pelo sertão. Tudo isto embalado por "Asa Branca" e desconcertantes acordes de guitarra.

Enfim, um mosaico digno da trajetória e obra de um sujeito que fez de sua própria vida uma "metamoforse ambulante". Baiano, que cresceu escutando Gonzagão no rádio, Raul tornou-se fã alucinado de Elvis Presley, sem nunca deixar de reconhecer as influências que negros como Chuck Berry e Little Richard tiveram nas origens dos acordes e rebolados do "rei do Rock".

Poeta "louco" que, particularmente nos anos 1970 e início dos 80, soube transformar em música o "grito contido" de toda uma geração marcada pela caretice e repressão da ditadura, Raul também foi um sujeito de grandes e conturbados amores, que resultaram em três filhas (para quem ele deixou todos seus bens e direitos autorais).

"Esquisitão" que nunca fez muito esforçou para se enquadrar nos padrões sociais, Raul transformou-se num ícone nacional, uma verdadeira lenda, que mais de 20 anos depois de sua morte continua vendendo 300 mil discos por ano e empolgando uma multidão de seguidores, muitos dos quais beiram o fanatismo.

Tudo isto está no documentário. E o melhor: através de uma edição que, apesar de se destinar evidentemente a fazer uma homenagem ao cantor, tenta fugir da hipocrisia, vasculhando, inclusive, o "lado B" da vida de Raul, principalmente sua doentia relação com as drogas, particularmente o álcool e a cocaína, que o fizeram mergulhar em momentos de patética decadência e inegavelmente aceleraram sua morte.

MOSCA NA SOPA

Sem ficar muito preso à ordem dos fatos, mas também sem deixar de lado os momentos-chave da vida do cantor e compositor, o filme também é um prato-cheio para os fãs de "carteirinha" e os amantes da música.

São particularmente interessantes os depoimentos de alguns dos principais parceiros de Raulzito. Há, por exemplo, a fala de Edy Star sobre o alucinado "Sociedade da Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão das 10" (que ele, Raul, Sérgio Sampaio e Miriam Batucada produziram em 1971) e questiona qualquer suposição de que Raul tivesse problemas com gays, já que ele próprio e Miriam Batucada nunca esconderam suas orientações sexuais.

Como também, o público mais atento não deixará de se "divertir" com as tentativas do hoje "careta capitalista" Paulo Coelho em relocalizar a si próprio como parceiro do "maluco beleza", como alguém que, como ele próprio diz, apresentou "todas as drogas" ao cantor e o introduziu nas bizarras seitas esotéricas-satanistas em que os dois se envolveram no princípio dos anos 1970 (anos em que Coelho, sintomaticamente, chama de "período negro" de sua vida, o que dispensa comentários...)

Uma tentativa brindada com uma sequência daquelas que só o cinema pode registrar: em plena entrevista (concedida na bilionária e requintada casa do escritor em Genebra), uma mosca "terceiro-mundista" fez questão de participar das gravações. O resultado precisa ser visto, para que se entenda o quanto a tal mosca contribuiu para o documentário.

O "LADO B" DE RAUL

"O início, o fim e o meio" não se furta do período mais sombrio do cantor. Está tudo lá: os porres que inviabilizaram ou interromperam apresentações; a quebra abrupta da relação com mulheres, filhas e até mesmo sua degeneração física e mental. Contudo, tudo isso geralmente surge em depoimentos de gente que reconhece que Raul conseguiu nos brindar com obras maravilhosas até mesmo de seus piores momentos.

Afinal, não é qualquer um que pode sacar uma música como "A maçã" ("se eu te amo e tu me amas...") de uma separação tempestuosa ou, ainda, produzir "Sociedade Alternativa" como síntese das relações com uma seita cuja confusão ideológica só não é menor do que a bizarrice de seus propósitos.

PRA ASSISTIR CANTAROLANDO

Registro digno da vida e obra de um sujeito cuja própria "definição" é a dificuldade de se definir, o documentário possibilita, principalmente para aqueles e aquelas que cresceram ao som de Raul, uma viagem instigante e emocionante pela vida e obra do cantor. E, por isso mesmo, em qualquer sessão do filme não faltam aqueles que façam coro acompanhando músicas como "Ouro de Tolo", "Gita", "Medo da Chuva" e tantos outros sucessos.

E a se considerar a bilheteria que o filme vem alcançando, é provável que sejam muitos os jovens que, ao sair do cinema, se lancem na descoberta do multifacetado Raul. O que, por si só, é ótima notícia. Afinal, há muito precisamos de um "maluco beleza" que sacuda a pasmaceira e mediocridade reinantes no cenário musical brasileiro. ■

PSTU realiza Encontro Nacional de Mulheres

Três dias de calorosas discussões ultrapassaram as expectativas e prepararam o PSTU para os seus desafios. Discussões sobre conjuntura, o programa do PSTU para as mulheres, além de grupos sobre organização sindical, sexualidade, mulher jovem, violência, mulher negra e lésbica, fizeram desse espaço um braço de resistência contra o machismo e o capitalismo

ANA PAGU, da Secretaria Nacional de Mulheres do PSTU

Nos dias 23, 24 e 25 de março de 2012 ocorreu o 5º Encontro de Mulheres do PSTU. A atividade reuniu 130 militantes, representando delegadas e convidadas de 33 regionais e 18 estados do país. O objetivo era realizar a atualização programática, discutir as táticas de intervenção no movimento e eleger a nova secretaria nacional. Mas o encontro foi além. O intenso debate político, o clima de camaradagem e preocupação em avançarmos na luta contra a opressão e a exploração possibilitaram uma grande vitória: um partido melhor armado para enfrentar o governo de Frente-Popular e ser uma alternativa às mulheres trabalhadoras

EMOÇÃO E ENTUSIASMO

Na abertura do encontro foi realizada uma homenagem às mulheres lutadoras, tanto aquelas que marcaram a história na luta pelo socialismo, como Rosa de Luxemburgo, Clara Zetkin e Alexandra Kollontay, como aquelas que dedicaram sua vida ao partido, como Rosa Sunderman e Teresa Bastos.

Também foi lembrada a tradição da IV Internacional em tomar a luta contra a opressão como tarefa irrenunciável na luta contra a exploração, por meio de intervenções de membros da direção do partido.

Os trabalhos duraram três dias, com discussões em plenária sobre conjuntura, programa e a mulher no partido, além de grupos temáticos que debateram a situação das mulheres trabalhadoras e organização sindical, sexualidade, saúde, prostituição, mulher jovem, violência, mulher negra e lésbica. Seções da Espanha, Portugal, Argentina, Costa Rica e Chile também enviaram saudações que foram lidas durante o encontro.

PRINCIPAIS RESOLUÇÕES E DESAFIOS

O encontro ocorreu em um momento de radicalização da conjuntura internacional, marcada pela crise econômica e ataques violentos aos direitos dos trabalhadores, como se vê hoje na Europa. Mas também há resistência, da qual participam um número expressivo de mulheres.

No Brasil ainda vigora, por enquanto, um momento de estabilização econômica, mas que esta bastante ameaçada pela crise mundial. Por outro lado, há um conjunto de políticas que aparentemente aparecem como progressivas para as mulheres, mas que na prática significam maior exploração e menos direitos, como os cortes no orçamento, que retiram direitos de áreas sociais.

Isso sem falar nas inúmeras políticas específicas, como, por exemplo, a recente Medida Provisória 557/2011, que tem como aparência a diminuição da mortalidade materna, mas que se resume ao cadastro de grávidas e não oferece garantias e condições para uma maternidade saudável. Ou ainda, quando diretamente são negadas medidas que poderiam garantir maiores direitos às mulheres, como o veto ao projeto que, pelo menos em lei, garantia igualdade salarial entre homens e mulheres.

Por isso, o encontro ratificou a opinião de que Dilma, mesmo sendo mulher, não representa as trabalhadoras. Por isso, o encontro também reafirmou a necessidade de seguir construindo táticas especiais para organizar as mulheres da classe trabalhadora como hoje é o MML (Movimento Mulheres em Luta da CSP-Conlutas), que se constitui como uma alternativa às organizações que se renderam ao governo ou setores policlassistas.

A luta pelo salário igual para trabalho igual; pelo fim da violência contra a mulher; por creches públicas e em período integral para todos os filhos da classe trabalhadora e pela legalização do aborto foram também reafirmadas como as principais bandeiras programáticas. A eleição da uma nova Secretaria Nacional de Mulheres, que terá a tarefa de encaminhar as resoluções, encerrou as deliberações políticas do encontro.

CONTRA O MACHISMO E A EXPLORAÇÃO: UNIDADE DA CLASSE!

Nesse cenário complexo de crise internacional e certa estabilidade aqui no Brasil, ideologias são criadas e estimuladas pelos governos. No que se refere as mulheres, uma das mentiras mais propagadas é de que elas estariam ocupando cada vez mais espaço e, por isso, o machismo teria acabado.

É certo que hoje o maior órgão gestor do capitalismo, o Fundo Monetário Internacional (FMI) é gerenciado por uma mulher. Ou que países importantes, como Alemanha e Brasil também o são. Da mesma maneira, e talvez com mais veemência, dados da realidade mostram um maior número de mulheres em postos de poder. Porém, isso não mudou as condições estruturais de vida das trabalhadoras que continuam com salários inferiores aos homens, morrendo todos os dias vítimas da violência machista e ainda continuam sendo o setor que menos tem acesso a direitos e ao emprego formal.

Para as trabalhadoras, a existência de mais mulheres (em geral, da burguesia) no poder não garante o atendimento de suas demandas. Por isso, é necessário a organização das trabalhadoras em partidos como o PSTU, que articulam a luta pelo fim da exploração, o combate por uma sociedade socialista e a luta contra a opressão. O partido revolucionário é a possibilidade concreta de unidade entre homens e mulheres da classe trabalhadora. Algo que é essencial para a emancipação das mulheres.

Por isso, a atualização do programa de luta contra o machismo foi o maior desafio do 5º Encontro. Um programa que combata ideologias como a do "empoderamento" das mulheres, que serve apenas para disfarçar a opressão machista reinante (e crescente) na sociedade capitalista. Um programa que também possa oferecer uma alternativa de organização classista, de luta pelo socialismo, pois não é possível acabar com a opressão dentro do sistema capitalista. É necessário unir com firmeza a luta contra a opressão da mulher com a luta do conjunto classe trabalhadora contra o capitalismo. É a serviço da construção dessa luta de mulheres e homens pela revolução que se colocam as resoluções votadas e a nova secretaria eleita. ■

Em defesa do socialismo e a Internacional revolucionária

A LIT-QI foi fundada em janeiro de 1982 com o objetivo central de lutar para superar a crise de direção do movimento operário mundial e reconstruir a Quarta com influência de massas.

CECÍLIA TOLEDO e ALEJANDRO ITURBE,
da Liga Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional

Sua fundação e o esforço militante para construir e fortalecê-la nestes 30 anos de existência se devem à convicção a um princípio que consideramos plenamente vigente: só a mobilização permanente dos trabalhadores e explorados contra o imperialismo e a burguesia poderá culminar com a vitória da revolução socialista internacional.

Não acreditamos que exista outro caminho possível para superar os profundos males a que o capitalismo imperialista submete a humanidade. E acreditamos que este movimento necessita de uma direção revolucionária internacional para levar essa tarefa à frente.

Embora a LIT-QI, enquanto organização, tenha apenas 30 anos de existência, é impossível falar de sua história sem recuperar a tradição da IV Internacional e da corrente morenistas, fundada na Argentina em 1944 por Nahuel Moreno. Isto porque reivindicamos a continuidade das elaborações realizadas por estas duas organizações.

IV INTERNACIONAL

A ascensão do stalinismo na União Soviética levou à degeneração da Internacional. A "teoria" do socialismo em um só país negava o caráter mundial da revolução, afirmando que o socialismo poderia ser construído isolado na URSS. Assim, a III Internacional (Internacional Comunista) tornou-se um aparato contra-revolucionário a serviço da burocracia stalinista e da coexistência pacífica com a burguesia e o imperialismo

Essa política levou à derrota do proletariado alemão e à ascensão de Hitler ao poder. Trotsky concluiu, então, que a III Internacional estava morta. Era preciso construir uma nova internacional.

Porém, a Quarta nasceu débil, agrupando apenas alguns milhares de militantes, devido à situação contra-revolucionária que existia, logo após os triunfos do nazifascismo e do stalinismo, antes da Segunda Guerra Mundial. Neste marco Trotsky fez um prognóstico: a Segunda Guerra provocaria uma onda de revoluções e, neste processo, a IV Internacional ganharia peso de massas. Trotsky, porém, foi assassinado pelo stalinismo em 1940 no México, e com isso a IV Internacional perdeu seu principal dirigente.

Mas a previsão estava certa. Após a guerra, uma onda revolucionária se espalhou por todo o mundo. Novos Estados operários surgiram no Leste da Europa e na Ásia, como China e Vietnã.

Por outro lado, a derrota do nazifascismo pelas mãos da URSS acabou fortalecendo o stalinismo, que acabou dirigindo a maior parte deste processo.

O pequeno núcleo de quadros e militantes trotskistas organizados na IV se viu submetido a essas duras pressões. A maioria da nova direção não passou pela prova da história. As direções majoritárias da Quarta (dirigidas por Pablo-Mandel) terminaram por capitular às políticas das correntes pequeno-burguesas e burocráticas que dirigiram grandes mobilizações e revoluções, como o Maoísmo, o Castrismo, o Guevarismo, Sandinismo etc.

Essa foi a razão principal para a dispersão da IV na década de 50.

O PAPEL DE NAHUEL MORENO

Foi contra esses desvios que se construiu a corrente trotskista ortodoxa fundada por Nahuel Moreno na Argentina, nos anos 1940.

Desde seu nascedouro essa corrente teve uma postura internacionalista que a levou a luta pela reconstrução da IV. Moreno considerava que o programa do trotskismo é a continuidade do marxismo revolucionário e deveria conter: o internacionalismo proletário, a democracia operária e a mobilização permanente.

Um partido revolucionário só pode se construir se é embasado nestes três pilares fundamentais. Foi essa obsessão que levou Moreno, junto com o primeiro grupo de jovens trotskistas argentino, a romper com a pequena burguesia intelectual para passar a se construir como um partido operário e de ação. *"Uma organização trotskista que não esteja repleta de militantes operários vive em crise permanente, por mais que seja formada por companheiros inteligentes e capazes"* dizia Moreno.

O INTERNACIONALISMO

Outra obsessão, assim como Trotsky afirmava, é a do internacionalismo revolucionário, o convencimento de que não existe saída para a classe trabalhadora e para a revolução no âmbito nacional; de que não pode haver organização revolucionária nacional se não se constrói como parte de uma organização internacional. Por isso, Moreno dedicou praticamente toda a sua vida militante à construção da IV Internacional, em diversas instâncias e organizações.

Como parte deste processo, surgiram diversos partidos, organizações e importantes iniciativas. No Brasil, por exemplo, um pequeno grupo de jovens brasileiros exilados no Chile, se ligou à corrente morenista e voltou a seu país para construir uma organização com 800 militantes (a Convergência Socialista, corrente que daria origem ao PSTU).

Na Argentina, com um importante núcleo de quadros muito fortalecidos pela luta contra a ditadura, Moreno deu inicio à construção do MAS. Em poucos anos a organização se converteu no principal partido de esquerda do país e no maior partido trotskista do mundo.

A partir do PST colombiano, em 1979, a corrente morenista, impulsiona a formação da Brigada Simón Bolívar para intervir na revolução nicaraguense, contra a ditadura Somoza.

A FRAÇÃO BOLCHEVIQUE

Nos anos 1970, logo após seu período guerrilheirista e ultra-esquerdista, a maioria da direção do chamado Secretariado Unificado (SU) da IV Internacional (direção reconstruída da organização depois da crise pós-guerra) abandonava de modo crescente a perspectiva de construção de uma direção revolucionária mundial. Dessa forma, girava seus posicionamentos cada vez mais a posições capituladoras.

No marco da batalha contra essas posições, a maioria das organizações latino-americanas e quadros da Espanha, Portugal e Itália formaram uma tendência interna para enfretar as posições dominantes no SU, originando a Fração Bolchevique (FB).

A ruptura definitiva com o SU aconteceu em 1979, quando sua direção se negou a defender os membros da Brigada Simon Bolívar, expulsos da Nicarágua pelo governo sandinista e logo depois entregues à polícia do Panamá, que os reprimiu e torturou.

Continua...

30 ANOS LIT QUARTA INTERNACIONAL

NASCE A LIT-QI

Em 1982, a LIT-QI foi fundada. Mas a organização recém criada não teve descanso: nasceu em uma etapa de grande ascenso das lutas operárias. Teve que responder à Guerra das Malvinas, aos desafios na Argentina, ao movimento de "Eleições Diretas Já!", ao fim da ditadura no Brasil e a muitos outros acontecimentos. Havia grandes mudanças no mundo capitalista e imperialista e, também, grandes transformações no espectro da esquerda mundial, sobretudo, pela crise do aparato stalinista mundial e dos Partidos Comunistas. Respondendo a cada processo, a LIT se transformou na organização internacional trotskista mais dinâmica.

Porém, a morte de Nahuel Moreno, em 1987, foi um grande golpe sofrido no meio de todo este processo. Sua ausência provocou um enfraquecimento qualitativo na direção internacional e teve uma incidência muito grande no desenvolvimento e no desfecho da crise que levaria a LIT à beira de sua destruição em outro momento delicado da história: a restauração do capitalismo na URSS e no Leste Europeu.

O VENDAVAL OPORTUNISTA

Entre 1989 e 1991, ocorreram grandes processos revolucionários que acabaram com os regimes totalitários da URSS e do Leste Europeu. Contudo, estes processos, apesar de poderosos, não conseguiram reverter a restauração capitalista imposta, poucos anos antes, pelas mãos das próprias burocracias governantes. A ausência de uma alternativa de direção revolucionária possibilitou que estas revoluções fossem dirigidas por setores da própria burocracia.

Por um lado, a destruição do aparato central do stalinismo significou uma grande vitória, pois significou o fim de aparelho internacional que foi a principal trava da revolução mundial no século XX. Este fato marca a abertura de uma nova etapa da luta de classes mundial, muito progressiva em busca da liberação do aparato internacional do stalinismo. Por outro lado, amplos setores da vanguarda mundial vêem a restauração como fruto da luta das massas, o que provocou grande confusão na esquerda mundial. O imperialismo aproveitou o momento para lançar uma grande campanha ideológica dizendo que o "socialismo morreu" e afirmando "a supremacia do capitalismo".

A esquerda, em geral, se colocou em um profundo estado de inércia e desmoralização. Inclusive, muitas das organizações trotskistas foram alcançadas por um verdadeiro "vendaval oportunista". Algumas chegaram à conclusão de que não era mais possível fazer a revolução socialista, outras passaram a defender que o socialismo já não era mais necessário e o programa revolucionário foi sendo abandonado de modo crescente. A estratégia de luta pelo poder foi substituída pela estratégia eleitoral no marco da democracia burguesa e muitas organizações passaram a depender materialmente do parlamento burguês, de subsídios estatais e dos aparatos sindicais.

A jovem LIT-QI também sofreu este processo corrosivo e devastador, agora sem Moreno. Os golpes foram duros e a LIT quase se viu destruída. Vários de seus quadros, inclusive, se tornaram assessores de governos burgueses, como o de Chávez, Evo Morales, Lula etc.

A RECUPERAÇÃO

Superar esta crise foi um grande desafio. Com um grande esforço dos setores que não capitularam, a LIT começou a se recuperar a partir de seu V Congresso, em 1997. Buscou-se restituir o estudo sistemático da teoria revolucionária como única forma de garantir uma prática revolucionária. Isto permitiu avançar nas elaborações fundamentais para a luta de classes, como a compreensão dos processos de restauração do capitalismo nos países do Leste Europeu, China e Cuba.

Hoje, a LIT tem seus partidos mais importantes em países chaves da América Latina e Europa, além de grupos menores com inserção no movimento operário.

Em 2011, foi realizado seu X Congresso que mostrou que a LIT-QI já é um pequeno pólo de referência. Também foi visto no congresso a incorporação de novos quadros e jovens militantes.

O PROGRAMA DA IV PASSOU NA PROVA DA HISTÓRIA

A história comprovou que a revolução necessita desenvolver-se em uma dimensão mundial porque, caso contrário, estará condenada à derrota. Foi o que demonstrou categoricamente o fracasso da política de "socialismo em um só país", propagada por Stalin.

A negação do caráter internacional da revolução foi o elemento determinante que levou à deterioração dos Partidos Comunistas no mundo inteiro, antes grandes organizadores do proletariado mundial.

Mas isso não significa que o esforço para edificar um novo partido revolucionário que defenda a continuidade do marxismo, seja fácil. A dura batalha pela construção dos partidos revolucionários e pela reconstrução da IV continua porque é necessário superar a crise de direção revolucionária, principal obstáculo para o avanço da revolução socialista mundial.

Neste momento, em que as massas lutam na Europa e no Oriente Médio,

a convicção do caráter internacional da revolução é mais atual do que nunca.

Por outro lado, é preciso partir de uma conclusão central: o programa da IV Internacional passou pela prova da história. A afirmação do programa foi correta quando dizia que um Estado Operário dirigido pela burocracia, sem uma revolução política vitoriosa dos trabalhadores que derrubasse essa burocracia, mais cedo ou mais tarde entraria em colapso e se restauraria o capitalismo.

Também continua correta a afirmação de que "a crise atual da civilização humana é a crise de direção do proletariado", algo que foi dramaticamente confirmado pelas revoluções ocorridas no século XX e nas mais recentes revoluções do século XXI.

O X Congresso da LIT, em 2011, mostrou também que defender a LIT como motor de reconstrução da IV Internacional foi um acerto histórico, porque significou a reafirmação do programa trotskista, do método e da moral revolucionária.

A tarefa de reconstruir a IV Internacional deve ser tomada como uma continuidade da metodologia empregada por Trotsky na fundação da Quarta. Sem nenhum sentido de autoproclamação, mas buscando agrupar os revolucionários ao redor de um programa e uma clara concepção clara de partido. Essa é a tarefa proposta pela LIT a todas as organizações revolucionárias que estejam de acordo com esta perspectiva.

Foto: JOSÉ EDUARDO BRAUNSCHWEIGER

ATIVIDADE DA LIT-QI no Fórum Social Mundial em 2005.

A LIT pelo mundo

Nestes 30 anos de história a LIT-QI vem desenvolvendo uma longa e difícil batalha para construir partidos revolucionários com influência de massas em todos os países e para construir a Internacional. Hoje, a organização tem relações fraternais com partidos, grupos ou militantes na Argentina, Paraguai, Uruguai, Brasil, Bolívia, Peru, Venezuela, Costa Rica, República Dominicana, Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Itália, entre outros. Conheça, agora, as ações e a trajetória de alguns destes partidos.

DA REDAÇÃO

PSTU (ARGENTINA)

Em maio do ano passado, nasceu o PSTU argentino. O partido surgiu como resultado de onze meses de debates, discussões, ações comuns e acordos que culminaram na fusão de duas organizações: o FOS (Frente Operária Socialista) e a COI (Corrente Operária Internacionalista). Ao mesmo tempo houve a entrada, para o PSTU, dos companheiros do agrupamento Dignidade, de Córdoba.

O surgimento do PSTU mostrou que é possível a unidade dos que acreditam que é possível construir um novo partido revolucionário no país. E que isso se dá sob sólidas bases programáticas, com o objetivo de se implementar na classe operária. Hoje, o PSTU se afirma como uma referencia para continuar construindo a corrente que Nahuel Moreno fundou na Argentina.

PARTIDO DA ALTERNATIVA COMUNISTA (PDAC – ITÁLIA)

Criado em janeiro de 2007, o PdAC surgiu quando centenas de ativistas e militantes estavam saindo do Partido da Refundação Comunista. Muitos dos ativistas desta organização lutaram contra a entrada da Refundação no governo burguês de Romano Prodi, em 2006. Esse fato levou a Refundação a um processo de desagregação, com várias cisões.

O PdAC nasceu da necessidade de construir uma oposição comunista aos governos burgueses e, também, como um alternativa aos ativistas desiludidos com a capitulação da Refundação. Os ativistas que participavam deste processo também estavam convencidos que um partido da classe trabalhadora só pode ser construído em escala internacional. Por isso, no congresso de fundação, o PdAC resolveu ingressar na LIT-QI.

Hoje, a Europa está no centro da crise mundial e a Itália vive uma situação econômica semelhante a Grécia. O PdAC vem lutando contra os planos de austeridade aplicados pelo governo Monti e pela chamada “troika” (FMI, Banco Central Europeu e União Europeia). É possível que a o conflito social exploda na Itália no próximo período. E o PdAC, junto com outras organizações que mantém relações com a LIT, se prepara para o crescimento das lutas no velho continente.

PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT – PARAGUAI)

Um mês após a queda do ditador Alfredo Stroessner, em 1989, aproximadamente 130 trabalhadores da cidade e do campo fundaram o PT paraguaio. A queda da ditadura produziu um ascenso de lutas sem procedentes na história do país. O PT participou diretamente destas lutas, convencido que o partido se constrói nelas. Já nos anos 1990, ocupações de terra em massa marcaram a conjuntura política do país. Dezenas delas foram encabeçadas pelos dirigentes do PT. Muitas delas foram vitoriosas e milhares de hectares de terras foram conquistados para os camponeses pobres, sob a bandeira da reforma agrária radical. O partido também teve papel decisivo na organização dos trabalhadores do campo, culminando na criação da Central Nacional de Organizações Camponesas, Indígenas e Populares (CNOCIP). O partido também cumpriu um papel fundamental na fundação da Confederação da Classe Trabalhadora (CCT)

Hoje, o PT paraguaio permanece fiel ao classismo e à estratégia de construir o socialismo. Por isso, não capitulou, como boa parte da esquerda paraguaia, ao governo de Frente Popular de Lugo.

Portugal: nasceu o MAS, uma alternativa para os trabalhadores

No dia 10 de maio, em uma festa com mais de 300 pessoas, foi anunciada a fundação do Movimento Alternativa Socialista (MAS), o mais novo partido filiado a LIT-QI. O MAS foi construído a partir de ex-integrantes do Bloco de Esquerda, que pertenciam à corrente Ruptura/FER.

A Ruptura/FER integrava o Bloco de Esquerda desde 1999, ano de sua fundação e, dias atrás, tornou pública a sua desfiliação desse partido num manifesto com 217 assinaturas. No congresso de fundação do MAS foram aprovados o seu Manifesto Programático e os seus Estatutos. *“O Bloco passou a defender o mesmo que a social-democracia sobre o problema da dívida, ou seja, a renegociação da mesma. Hoje, o Bloco é mais um partido institucional, parlamentar, acomodado aos corredores do poder. Estava, então, na hora de recuperar a irreverência e a coragem política do Bloco das origens. É isso que será o MAS”*, avalia Gil Garcia, dirigente do partido.

O partido já nasce com um grande desafio: responder à guerra social em curso, levada pelo governo da direita de Passos Coelho. Para derrotar os planos de austeridade, o partido propõe o fim do pagamento da dívida, para a criação de emprego. Também defende a redução da jornada de trabalho, sem redução dos salários. *“É preciso ainda nacionalizar os bancos e as empresas estratégicas, canalizando esses fundos ao serviço da criação de emprego, melhoria dos serviços públicos e das condições de vida da população”*, avalia André Pestana, da direção do MAS.

O partido também defende a mais ampla democracia nos sindicatos, que devem ser dirigidos pela base e não pela burocracia há anos encastelada no poder. Recentemente a UGT (União Geral dos Trabalhadores) assinou um acordo vergonhoso pactuando com os ataques do governo. Por outro lado, a CGTP, dirigida burocraticamente pelo PC, tenta controlar a revolta social.

Na avaliação do MAS, a saída para crise deve ser construída na mobilização dos trabalhadores e da juventude, como ocorreu na Revolução dos Cravos, em 25 abril de 1974, que derrubou a ditadura.

“Se no dia 24 de Abril de 1974 perguntassem à maioria do povo português se era possível acabar com a ditadura, a maioria diria que não. Achamos que, em Portugal, faz falta um novo 25 de Abril, uma nova revolução para parar a austeridade imposta pela troika e o governo. Nas empresas e nas ruas, os jovens e os trabalhadores dão os primeiros passos nesse combate”, avalia Pestana.

LIT lança campanha internacional por seus 30 anos

Três décadas em defesa do socialismo e da construção de uma liderança revolucionária internacional. Para marcar data, será realizado um grande ato internacional em Buenos Aires, Argentina, na última semana de outubro.

Três décadas se passaram desde Conferência que fundou a Liga Internacional dos Trabalhadores, realizada em Bogotá, Colômbia, com a participação de delegados de 18 países. De lá pra cá, foram muitas transformações tiveram lugar na luta de classe mundial. Mas, a LIT sempre esteve firme e continua na luta diária contra o imperialismo, com a forte convicção de construir um futuro comunista para a humanidade.

Nestes 30 anos, a defesa do programa revolucionário e internacionalista foi fundamental para manter os princípios da organização. Algo que permitiu a LIT seguir um caminho bem diferente da grande maioria da esquerda internacional, incluindo muitas organizações que se reivindicam trotskistas, mas sucumbiram ao vendaval oportunista e, hoje, defendem um "capitalismo mais humanizado".

Para marcar essa história, a LIT tem orgulho de lançar uma campanha internacional para comemorar os seus 30 anos.

GRANDE ATO EM BUENOS AIRES

O principal ato da campanha será realizado em Buenos Aires, Argentina, na última semana de outubro. Foi lá que surgiu, em 1944, a corrente morenista e onde a LIT - Quarta Internacional conquistou sua maior influência. Participarão deste ato delegações internacionais de países como Brasil, Chile, Uruguai, dentre outros, e também companheiros que estiveram presente no congresso de fundação da Liga. Outros atos também serão realizados na Europa, Brasil e América Central.

LANÇAMENTO DE LIVROS

A LIT também está preparando um kit de livros. O primeiro será sobre a Conferencia de Fundação em 1982. O segundo será sobre o congresso da LIT, em 1985, um marco na elaboração da organização.

Assim, a LIT espera colaborar com a formação das novas gerações de militantes trotskistas e ativistas do movimento operário e popular neste momento crucial quando, mais do que nunca, uma direção revolucionária mundial é tão necessária.

Site especial é lançado

Uma das primeiras iniciativas é o lançamento de um site especial, em três línguas – espanhol, português e inglês – para comemorar os 30 anos da LIT.

O site especial ficará online durante todo o ano de 2012 e trará documentos históricos sobre a fundação da LIT e de suas seções, seu desenvolvimento e as principais polêmicas que foram travadas internamente ou com as demais correntes da esquerda mundial, em particular, com as correntes trotskistas. Mostraremos também vídeos e galerias de fotos, além de notícias sobre os eventos promovidos pelas seções da LIT- QI durante o ano.

O site terá seu conteúdo preenchido ao longo do ano, conforme a sucessão dos eventos das seções e das datas comemorativas de vários acontecimentos históricos. Mas o tema "Fundação" já pode ser acessado, e nele podem ser lidos uma breve história da LIT- QI e documentos, como o pronunciamento de Moreno na conferência de fundação.

Também estamos divulgando materiais sobre a história de nossos partidos como, por exemplo, a atuação da LIT em pleno turbilhão da Revolução dos Cravos, em 1974. Em abril, a Revolução Boliviana, de 1952, fará 60 anos e será uma oportunidade de revivermos as grandes polêmicas que surgiram na IV Internacional em relação àquela revolução, um ano antes de sua divisão.

www.litci.org/especial